

CARLOS CASTANEDA

Autor dos best sellers *A Erva do Diabo*
e *Viagem a Ixtlan*

A RODA DO TEMPO

Os xamãs do México antigo, seus pensamentos
sobre a Vida, a Morte e o Universo



NOVA
ERA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CARLOS CASTANEDA

A RODA DO TEMPO

Os xamãs do México antigo, seus pensamentos sobre a Vida, a
Morte e o Universo

Tradução de Luiz Carlos Maciel

ISBN 85-01-05835-1

Nova Era

2000

INTRODUÇÃO

Esta série de citações especialmente selecionadas foi coletada dos oito primeiros livros que escrevi sobre o mundo dos xamãs do México antigo. As citações foram extraídas diretamente das explicações que me foram dadas, como antropólogo, pelo meu mestre e mentor Dom Juan Matus, um xamã índio Yaqui do México. Ele pertencia a uma linhagem cujas origens remontavam aos xamãs que viveram no México nos tempos antigos.

Da melhor maneira possível, Dom Juan Matus me iniciou no seu mundo, que era, naturalmente, o mundo daqueles xamãs da antigüidade. Dom Juan estava numa posição-chave. Ele sabia da existência de uma outra região da realidade, uma região que não era ilusória nem produto de explosões de fantasia. Pois, para Dom Juan e o restante de seus companheiros xamãs — havia quinze deles —, o mundo dos xamãs da antigüidade era tão real e pragmático quanto poderia ser possível.

Esta obra começou como uma simples tentativa de coletar uma série de vinhetas, ditos e idéias dos ensinamentos desses xamãs, que seriam interessantes para ler e pensar. Mas assim que o trabalho progrediu, uma mudança imprevista de direção aconteceu: percebi que as citações estavam em si mesmas imbuídas com um ímpeto extraordinário. Elas revelavam uma seqüência oculta de pensamento que antes nunca ficara evidente para mim. Apontavam a direção que as explicações de Dom Juan tomaram nos treze anos durante os quais ele me guiou, como seu aprendiz.

Mais do que qualquer tipo de conceituação, as citações revelaram uma linha de ação insuspeitada e indiscutível que Dom Juan seguiu, como objetivo de promover e facilitar minha entrada em seu mundo. Tornou-se mais do que uma especulação para mim que, se Dom Juan seguiu essa linha, esta também deve ter sido a

maneira pela qual seu próprio mestre o empurrou para dentro do mundo dos xamãs.

A linha de ação de Dom Juan era sua tentativa intencional de me empurrar para dentro do que ele dizia ser um outro sistema cognitivo. Por sistema cognitivo, ele entendia a definição estabelecida de cognição: "Os processos responsáveis pela consciência da vida cotidiana, processos que incluem memória, experiência, percepção e o uso adequado de qualquer sintaxe dada." O argumento de Dom Juan era de que os xamãs do México antigo tinham de fato um sistema de conhecimento diferente do sistema do homem comum.

Seguindo toda a lógica e todo o raciocínio disponíveis para mim como estudante das ciências sociais, rejeitei essa afirmação. Acentuei muitas vezes a Dom Juan que o que quer que ele estivesse afirmando era despropositado. Era para mim, na melhor das hipóteses, uma aberração intelectual.

Foram precisos treze anos de trabalho duro da parte dele e da minha para derrubar minha confiança no sistema normal de conhecimento, que torna o mundo em volta compreensível para nós. Essa manobra me empurrou para um estado muito estranho: um estado de quase desconfiança do que antes era uma aceitação, de alguma forma implícita, dos processos cognitivos de nosso mundo cotidiano.

Depois de treze anos de investidas pesadas, percebi, contra minha própria vontade, que Dom Juan Matus estava realmente partindo de outro ponto de vista. Portanto, os xamãs do México antigo deviam ter tido um outro sistema cognitivo. Admitir isso me queimou em meu próprio ser. Senti-me como um traidor. Senti como se estivesse expressando a mais terrível heresia.

Quando percebeu que havia vencido minha pior resistência, Dom Juan levou seu argumento para dentro de mim tão longe e tão fundo quanto pôde — e eu tive de admitir, sem reservas, que, no

mundo dos xamãs, os praticantes do xamanismo consideravam o mundo de pontos de vista indescritíveis para nossos recursos de conceitualização. Por exemplo, eles percebiam a energia enquanto ela fluía livremente no universo, ainda livre das cadeias da socialização e da sintaxe, uma energia que é pura vibração. Eles chamavam esse ato de ver.

O objetivo fundamental de Dom Juan era me ajudar a perceber como a energia flui no universo.

No mundo dos xamãs, perceber a energia de tal maneira é o primeiro passo obrigatório para uma visão mais livre, mais abrangente, de um sistema diferente de conhecimento. Para provocar em mim a resposta de ver. Dom Juan utilizou outras estranhas unidades de cognição. Uma das mais importantes chamava-se recapitulação, que consistia em um escrutínio sistemático da própria vida, segmento por segmento, um exame feito não à luz da crítica e da descoberta de falhas, mas à luz de um esforço para entender a própria vida e mudar o seu curso. O argumento de Dom Juan era que, uma vez que o praticante visse sua vida da maneira distanciada que a recapitulação exige, não havia mais a possibilidade de voltar à mesma vida.

Ver como a energia flui no universo significava, para Dom Juan, a capacidade de ver o ser humano como um ovo luminoso ou uma bola luminosa de energia, e ser capaz de distinguir, nessa bola luminosa de energia, certas características comuns a todos os homens, como um ponto brilhante na já brilhante bola luminosa de energia. Segundo o argumento dos xamãs, naquele ponto brilhante, que eles chamavam de ponto de aglutinação, a percepção era aglutinada. Eles podiam ampliar logicamente esse pensamento para concluir que era naquele ponto brilhante que o nosso conhecimento do mundo era fabricado. Por mais esquisito que possa parecer, o

fato é que Dom Juan Matus estava certo, no sentido de que é exatamente isso o que acontece.

A percepção dos xamãs, portanto, era sujeita a um processo diferente da percepção do homem comum. Os xamãs afirmavam que a percepção direta da energia os levava ao que chamavam de fatos energéticos. Por fato energético, entendiam uma visão obtida por ver a energia diretamente, que conduzia a conclusões finais e irreduzíveis; elas não podiam ser alteradas pela especulação ou pela tentativa de ajustá-las ao nosso sistema habitual de interpretação.

Dom Juan disse que, para os xamãs de sua linhagem, era um fato energético que o mundo a nossa volta seja definido pelos processos de conhecimento — e que esses processos não são inalteráveis; não são legados. São uma questão de treinamento, uma questão de prática e de uso. Esse pensamento era levado mais adiante, para outro fato energético: os processos habituais de conhecimento são o produto de nossa educação e nada mais do que isso.

Dom Juan Matus sabia, sem sombra de dúvida, que tudo o que me dizia sobre o sistema cognitivo dos xamãs do México antigo era uma realidade. Dom Juan era, entre outras coisas, um nagual, o que significava, para os praticantes do xamanismo, um líder natural, uma pessoa capaz de ver fatos energéticos sem prejuízo para seu bem-estar. Ele estava, portanto, capacitado a liderar com sucesso seus companheiros por avenidas do pensamento e da percepção impossíveis de se descrever.

Considerando todos os fatos que Dom Juan me ensinou sobre seu mundo cognitivo, cheguei à conclusão — uma conclusão com a qual ele concordava — de que a unidade mais importante desse mundo era a idéia de intento. Para os xamãs do México antigo, o intento era uma força que eles podiam visualizar quando viam a energia enquanto ela fluía no universo. Eles o consideravam

uma força que permeava tudo e intervinha em todos os aspectos do tempo e do espaço. Era um ímpeto por trás de tudo; mas o que era de valor inconcebível para esses xamãs era que esse intento — uma abstração pura — estava intimamente ligado ao homem, O homem podia manipulá-lo sempre. Os xamãs do México antigo perceberam ainda que a única maneira de afetar essa força era por meio de um comportamento impecável. Só o praticante mais disciplinado podia tentar tal feito.

Outra estupenda unidade desse estranho sistema cognitivo era a compreensão e a utilização pelos xamãs dos conceitos de tempo e espaço. Para eles, tempo e espaço não eram os mesmos fenômenos que fazem parte de nossas vidas, em virtude de serem uma parte integral de nosso sistema cognitivo normal. Para o homem comum, a definição habitual de tempo é "um continuum não-espacial no qual os eventos ocorrem numa sucessão aparentemente irreversível do passado, através do presente, para o futuro". E espaço é definido como "a infinita extensão do campo tridimensional no qual as estrelas e as galáxias existem; o universo".

Para os xamãs do México antigo, o tempo era algo como um pensamento; um pensamento pensado por alguma coisa inconcebível em sua magnitude. O argumento lógico para eles era que, sendo parte desse pensamento que era pensado por forças inconcebíveis para sua mentalidade, o homem ainda preservava uma pequena percentagem desse pensamento; uma percentagem que, sob certas circunstâncias e com disciplina extraordinária, podia ser resgatada.

O espaço era, para esses xamãs, uma região abstrata da atividade. Eles a chamavam infinito, e se referiam a ela como a soma total de todos os esforços das criaturas vivas. O espaço era, para eles, mais acessível, alguma coisa quase realista. Era como se eles tivessem uma percentagem maior na formulação abstrata do espaço. De acordo com os relatos de Dom Juan, os xamãs do

México antigo nunca viram tempo e espaço como abstrações obscuras, como nós os vemos. Para eles, tanto tempo quanto espaço, ainda que incompreensíveis em suas formulações, eram uma parte integral do homem.

Esses xamãs tinham uma outra unidade cognitiva chamada a roda do tempo, Eles explicavam a roda do tempo dizendo que o tempo era como um túnel de comprimento e largura infinitos, um túnel com sulcos de reflexão. Cada sulco era infinito, e havia um número infinito deles. As criaturas vivas eram obrigadas, pela força da vida, a contemplar um determinado sulco. Mas contemplar um sulco significava ser agarrado por ele, para viver aquele sulco.

O objetivo final do guerreiro é, por meio de um ato de profunda disciplina, focalizar a sua atenção plena na roda do tempo, com o propósito de fazê-la girar. Os guerreiros que conseguiram fazer girar a roda do tempo podem olhar em qualquer sulco e tirar dele o que quiserem. Estar livre da força enfeitiçadora de olhar somente em um desses sulcos significa que os guerreiros podem olhar em qualquer direção: quer o tempo recue ou avance sobre eles.

Vista dessa maneira, a roda do tempo é uma influência poderosa que atinge a vida do guerreiro — e além dela, como é o caso das citações deste livro. Elas parecem ligadas por uma conexão semelhante a uma mola que tem vida própria. Essa conexão, conforme a explicação dada pelo conhecimento dos xamãs, é a roda do tempo.

Sob o impacto da roda do tempo, o objetivo deste livro tornou-se, então, algo que não fazia parte do plano original. As citações se tornaram o fator decisivo, por elas mesmas e nelas mesmas, e o impulso imposto em mim por elas era o de permanecer tão próximo quanto possível do espírito no qual as citações nos foram dadas. E elas nos foram dadas no espírito da frugalidade e de uma retidão final.

Uma coisa que tentei sem sucesso foi organizar as citações em categorias que tornariam a leitura mais fácil. Entretanto, a categorização das citações mostrou-se inatingível. Não havia maneira de ligar categorias abstratas de significado, que serviam a mim pessoalmente, a alguma coisa tão amorfa e tão vasta quanto um mundo cognitivo total.

A única coisa que podia ser feita era seguir as citações, deixá-las criar um esboço da forma esquemática dos pensamentos e sentimentos que os xamãs do México antigo tinham sobre a vida, a morte, o universo, a energia. Elas são reflexos de como esses xamãs entendiam não somente o universo, mas os processos de viver e coexistir em nosso mundo. E mais importante ainda, apontam para a possibilidade de usar dois sistemas de cognição, ao mesmo tempo, sem nenhum prejuízo para o eu.

CITAÇÕES DE A Erva do Diabo

O poder está no tipo de conhecimento que se tem. De que adianta saber coisas inúteis? Elas não vão nos preparar para o encontro inevitável com o desconhecido.

Nada neste mundo é um presente. O que tiver de ser aprendido será aprendido da maneira mais dura.

Um homem vai para o conhecimento como vai para a guerra: bem desperto, com medo, com respeito e com uma segurança absoluta. Ir para o conhecimento ou para a guerra de qualquer outra maneira é um erro, e quem o cometer pode não viver para se arrepender.

Quando o homem preenche esses quatro requisitos — estar bem desperto, ter medo, respeito e segurança absoluta —, não há erros que ele tenha de explicar; nessas condições, seus atos perdem a qualidade desastrada dos atos de um tolo. Se um homem desses fracassar, ou sofrer uma derrota, terá perdido apenas uma batalha, e não haverá lamentos ou remorsos por causa disso.

Permanecer no próprio eu durante muito tempo produz uma fadiga terrível. Um homem nessa posição fica surdo e cego para tudo o mais. A própria fadiga o impede de ver as maravilhas que estão a sua volta.

Toda vez que um homem resolve aprender, ele tem de trabalhar tão duro quanto puder, e os limites do seu aprendizado são determinados por sua própria natureza. Portanto, não há vantagem em falar sobre o conhecimento. O medo do conhecimento é natural; todos nós o experimentamos e não há nada que possamos fazer a respeito. Mas, por mais aterrador que seja o conhecimento, é mais terrível ainda pensar em um homem sem o conhecimento.

Há um mundo de felicidade onde não há diferença entre as coisas, porque não há ninguém lá para perguntar sobre a diferença. Mas esse não é o mundo dos homens. Alguns homens têm a vaidade de acreditar que vivem em dois mundos, mas isso é apenas a sua vaidade. Só existe um único mundo para nós. Somos homens, e temos de seguir o mundo dos homens satisfeitos.

O homem tem quatro inimigos naturais: o medo, a clareza, o poder e a velhice. Medo, clareza e poder podem ser vencidos, mas a velhice não. Seus efeitos podem ser adiados, mas ela nunca pode ser vencida.

Comentário sobre A Erva do Diabo

A essência de tudo o que Dom Juan disse, no começo de meu aprendizado, está contida na natureza abstrata das citações selecionadas do primeiro livro, A Erva do Diabo. Na época dos acontecimentos narrados naquele livro, Dom Juan falou muito sobre os aliados, as plantas de poder, Mescalito, o fumínho, o vento, os espíritos dos rios e das montanhas, o espírito do chaparral etc. etc. Depois disso, quando o questionei sobre sua ênfase nesses elementos e por que ele não os estava usando mais, ele admitiu sem nenhum acanhamento que, no começo do meu aprendizado, tinha entrado em toda aquela conversa fiada de xamãs pseudo-índios para o meu bem.

Fiquei atônito. Tentei imaginar como ele podia dizer uma coisa dessas, que obviamente não era verdade. Ele realmente quisera dizer o que dissera sobre aqueles elementos do seu mundo, e eu era, com certeza, o homem que podia atestar a veracidade de suas palavras e sentimentos.

— Não leve isso tão a sério — ele disse, rindo. — Foi muito divertido para mim me meter com toda aquela bobagem, e ainda mais divertido porque eu sabia que só estava fazendo aquilo para o seu bem.

— Para o meu bem, Dom Juan? Que tipo de aberração é essa?

— Sim, para o seu bem. Enganei você, prendendo sua atenção em itens do seu mundo que exerciam um grande fascínio em você, e você mordeu a isca, o anzol e a linha.

"Eu precisava de sua atenção plena. Mas como poderia consegui-la, já que você tem um espírito tão indisciplinado? Você próprio me disse, várias vezes, que só ficava comigo porque achava fascinante o que eu dizia sobre o mundo. O que você não sabia como expressar era que a fascinação que sentiu estava baseada no fato que você, vagamente, reconheceu cada elemento sobre o qual eu falava. Você pensou que aquela imprecisão era, claro, xamanismo, e foi buscá-la, por isso você ter permanecido."

— Você faz isso com todo mundo, Dom Juan? Com todo mundo não, porque nem todo mundo vem a mim e, acima de tudo, não estou interessado em todo mundo. Estava e estou interessado em você, só em você. Meu mestre, o nagual Julián, me enganou de maneira semelhante. Ele usou minha sensualidade e minha cobiça. Prometeu que me arranjaria todas as mulheres belas que o cercavam, e prometeu me cobrir de ouro. Prometeu-me uma fortuna, e eu caí. Todos os xamãs da minha linhagem foram enganados dessa maneira, desde tempos imemoriais. Os xamãs da minha linhagem não são professores ou gurus. Eles não se preocupam em ensinar seu conhecimento. Só querem herdeiros desse conhecimento, não gente vagamente interessada em seu conhecimento por motivos intelectuais.

Dom Juan tinha razão quando disse que caí direitinho em sua armadilha. Eu acreditava que havia descoberto o xamã

informante antropológico perfeito. Foi a época em que, sob os auspícios de Dom Juan, e devido à sua influência, escrevi diários e coletei velhos mapas que mostravam a localização das cidades dos índios Yaqui através dos séculos, começando com as crônicas dos jesuítas, no fim do século XVIII. Registrei todos esses lugares e identifiquei as mudanças mais sutis, comecei a considerar e tentar imaginar por que as cidades mudavam de lugar, e por que elas eram organizadas segundo padrões diferentes cada vez que eram deslocadas. Pseudo-especulações sobre a razão e dúvidas razoáveis tomaram conta de mim. Juntei milhares de folhas com notas, resumos e possibilidades, tirados de livros e crônicas. Eu era o perfeito estudante de antropologia. Dom Juan estimulava minhas idéias de todas as maneiras de que foi capaz.

— Não há voluntários no caminho dos guerreiros — disse Dom Juan a título de explicação. — Um homem tem que ser obrigado contra a sua própria vontade a entrar no caminho dos guerreiros.

— O que eu faço, Dom Juan, com os milhares de notas que você me induziu a juntar? — perguntei a ele, certa vez.

Sua resposta foi um choque para mim.

— Escreva um livro sobre elas — ele disse. — Estou certo de que, de qualquer maneira, se você começar a escrevê-lo, nunca usará essas notas. Elas são inúteis, mas quem sou eu para dizer isso? Descubra por você mesmo. Mas não tente escrever o livro como um escritor. Faça-o como um guerreiro, um xamã-guerreiro.

— O que você quer dizer, Dom Juan?

— Não sei. Descubra sozinho.

Ele estava absolutamente certo. Nunca usei aquelas notas. Em vez disso, me descobri escrevendo intuitivamente sobre as

possibilidades inconcebíveis da existência de um outro sistema de cognição.

CITAÇÕES DE Uma Estranha Realidade

Um guerreiro sabe que é apenas um homem. Ele só lamenta que sua vida seja tão curta que ele não possa agarrar todas as coisas que gostaria. Mas, para ele, isso não é um problema: é só uma pena.

Sentir-se importante faz a pessoa tornar-se pesada, desajeitada e vaidosa. Para ser um guerreiro, é preciso ser leve e fluido.

Quando são vistos como campos de energia, os seres humanos aparecem como fibras de luz, como teias brancas de aranha, fios muito finos que circulam da cabeça aos pés. Assim, aos olhos do vidente, um homem parece um ovo de fibras circulantes. E seus braços e pernas são como espinhos luminosos que explodem em todas as direções.

O vidente vê que todos os homens estão em contato com tudo o mais, não por suas mãos, mas por meio de um punhado de fibras compridas que saem do centro de seu abdome. Essas fibras ligam o homem a seu ambiente; mantêm seu equilíbrio; dão-lhe estabilidade.

Quando um guerreiro aprende a ver, ele vê que um homem é um ovo luminoso, seja ele um mendigo ou um rei, e que não há jeito de modificar nada; ou melhor, o que poderia ser modificado naquele ovo luminoso? O quê?

Um guerreiro nunca pensa em seu medo. Em vez disso, pensa nas maravilhas de ver o fluxo da energia! O resto é enfeite, enfeite sem importância.

Só um doido empreenderia a tarefa de se tornar um homem de conhecimento por sua própria vontade. Um homem sensato tem de ser levado a isso. Há muitas pessoas que

empreenderiam a tarefa de bom grado, mas essas não contam. Geralmente, são malucas. São como vasilhas que parecem boas por fora, mas que vazam no momento em que são pressionadas, no momento em que você as enche de água.

Quando um homem não está preocupado em ver, as coisas parecem as mesmas toda vez que ele olha para o mundo. Quando ele aprende a ver, por outro lado, nada é a mesma coisa toda vez que você a vê, e contudo é a mesma. Ao olhar do vidente, o homem é como um ovo. Toda vez que ele vê o mesmo homem, vê um ovo luminoso, e no entanto não é o mesmo ovo.

Os xamãs do México antigo deram o nome de aliados para as forças inexplicáveis que agiam sobre eles. Eles as chamaram aliados porque pensaram que podiam utilizá-las a seu bel-prazer, uma noção que demonstrou ser quase fatal para aqueles xamãs, porque o que eles chamavam de aliado é um ser sem essência corporal que existe no universo. Os xamãs dos tempos modernos os chamam de seres inorgânicos.

Perguntar que função os aliados têm é como perguntar o que nós, homens, fazemos no mundo. Estamos aqui, é só. E os aliados estão aqui, como nós; e talvez estivessem aqui antes de nós.

A maneira mais eficaz de se viver é como um guerreiro. Um guerreiro pode se preocupar e pensar antes de tomar uma decisão, mas uma vez que a tomou, segue seu caminho, livre de preocupações ou pensamentos; haverá mil outras decisões ainda à sua espera. Esta é a maneira do guerreiro.

Um guerreiro pensa em sua morte quando as coisas se turvam. A idéia da morte é a única coisa que modera nosso espírito.

A morte está em toda parte. Pode ser as luzes de um carro, no topo de uma colina, a certa distância para trás. Ficam visíveis por um tempo e desaparecem na escuridão, como se

tivessem sido arrastadas; apenas para reaparecerem no topo de outra colina e aí desaparecerem de novo.

Aquelas são as luzes na cabeça da morte. A morte as coloca assim, como um chapéu, e depois parte a galope, se aproximando de nós, se aproximando cada vez mais. Às vezes apaga suas luzes. Mas a morte nunca pára.

Um guerreiro tem de saber, antes de mais nada, que seus atos são inúteis e que, no entanto, ele tem de proceder como se não o soubesse. Esta é a loucura controlada de um xamã.

Os olhos de um homem podem desempenhar duas funções: uma é ver a energia enquanto flui no universo e a outra é "olhar as coisas neste mundo". Nenhuma dessas funções é melhor do que a outra; entretanto, treinar os olhos apenas para olhar é um desperdício desnecessário e lamentável.

Um guerreiro vive pelo agir, não por pensar em agir, nem por pensar no que ele vai pensar depois de acabar de agir.

Um guerreiro escolhe um caminho com coração, qualquer caminho com coração, e o segue; e então ele se regozija e ri. Ele sabe por que vê que sua vida estará terminada muito depressa. Ele vê que nada é mais importante do que qualquer outra coisa.

Um guerreiro não tem honra, nem dignidade, nem família, nem nome, nem país; ele tem apenas a vida para ser vivida e, nessas circunstâncias, sua única ligação com seus semelhantes é sua loucura controlada.

Como nada é mais importante do que qualquer outra coisa, um guerreiro escolhe qualquer ato e age como se lhe importasse. Sua loucura controlada o faz dizer que o que ele faz importa e o faz agir como se importasse, e contudo ele sabe que não é assim; de modo que, quando completa seus atos, ele se

retira em paz e quer seus atos tenham sido bons ou maus, dado certo ou não, isso absolutamente não o preocupa mais.

Um guerreiro pode escolher permanecer totalmente impassível e nunca agir, e comportar-se como se ser impassível realmente lhe importasse; ele também estará certo agindo assim porque isso também seria a sua loucura controlada.

Não existe nada vazio na vida de um guerreiro. Tudo está cheio até a borda. Tudo está cheio até a borda, e tudo é igual.

O homem comum está demasiado preocupado em gostar das pessoas ou que elas gostem dele. Um guerreiro gosta, e pronto. Gosta do que ou de quem quiser, e dane-se o resto.

Um guerreiro se responsabiliza por seus atos, pelo mais trivial de seus atos. O homem comum age através de seus pensamentos, e nunca se responsabiliza pelo que faz.

O homem comum é vitorioso ou derrotado e, dependendo disso, se torna um perseguidor ou uma vítima. Essas duas condições prevalecem enquanto a pessoa não vê. Ver desfaz a ilusão da vitória, ou da derrota, ou do sofrimento.

Um guerreiro sabe que está esperando e o que está esperando; e, enquanto espera, não deseja nada e assim a menor coisa que receba é mais do que ele pode tomar. Se precisa comer, dá um jeito, porque não está com fome; se alguma coisa machuca seu corpo, dá um jeito de parar aquilo, pois não sente. Ficar faminto ou com dor significa que o homem não é um guerreiro; e as forças de sua fome e de sua dor o destruirão.

Negar a si próprio é uma indulgência. A indulgência de negar é de longe a pior; obriga-nos a crer que estamos fazendo grandes coisas, quando na verdade só estamos fixados em nós mesmos.

O intento não é um pensamento, ou um objeto, ou um desejo. O intento é o que pode fazer um homem vencer, quando todos os seus pensamentos lhe dizem que ele está derrotado. Opera a despeito da indulgência do guerreiro. O intento é o que o torna invulnerável. O intento é o que envia o xamã através da parede, através do espaço, para o infinito.

Quando um homem entra no caminho dos guerreiros, fica consciente, aos poucos, de que a vida comum ficou para trás para sempre. Isso significa que o mundo comum não é mais um escudo para ele; e que ele deve adotar uma nova maneira de viver, para poder sobreviver.

Cada pedaço de conhecimento que se torna poder tem a morte como sua força central. A morte dá o último toque, e o que for tocado pela morte torna-se realmente poder.

Somente a idéia da morte torna o guerreiro suficientemente desprendido para ser capaz de se entregar a qualquer coisa. Ele sabe que a morte o espreita e não lhe dará tempo de se agarrar a nada, de modo que ele experimenta, sem ansiedade, tudo de todas as coisas.

Somos homens e nosso destino é aprender, e sermos lançados em novos mundos inconcebíveis. Um guerreiro que vê a energia sabe que não há limite para os novos mundos, para nossa visão.

"A morte é um turbilhão; a morte é uma nuvem brilhante no horizonte; a morte sou eu falando para você; a morte é você e seu bloco de notas; a morte é nada. Nada! Está aqui e contudo não está absolutamente aqui."

O espírito do guerreiro não está preparado para a indulgência ou a queixa, nem o está para ganhar ou perder. O espírito do guerreiro está preparado somente para a luta, e cada luta é a última batalha do guerreiro sobre a terra. O resultado

importa pouco para ele. Em sua última batalha na terra um guerreiro deixa seu espírito fluir livre e claro. Enquanto sustenta sua batalha, sabendo que seu intento é impecável, um guerreiro ri e ri.

Falamos incessantemente a nós mesmos sobre nosso mundo. De fato, mantemos nosso mundo com nossa conversa interna. E sempre que terminamos de falar a nós mesmos sobre nós mesmos, o mundo continua sempre como devia. Nós o renovamos, o animamos com vida, o sustentamos com nossa conversa interna. Não apenas isso, também escolhemos nossos caminhos quando conversamos com nós mesmos. Assim repetimos as mesmas escolhas até o dia em que morremos, porque ficamos repetindo a mesma conversa interna sempre, até o dia em que morremos. Um guerreiro está consciente disso e se esforça para silenciar sua conversa interna.

O mundo é tudo o que está encerrado aqui: a vida, a morte, as pessoas, e tudo o mais que nos cerca. O mundo é incompreensível. Nunca o compreenderemos; nunca desvendaremos seus segredos. Assim devemos tratar o mundo como ele é: um puro mistério.

As coisas que as pessoas fazem não podem, de jeito algum, ser mais importantes do que o mundo. E assim o guerreiro trata o mundo como um mistério sem fim e o que as pessoas fazem como uma loucura sem fim.

Comentário sobre Uma Estranha Realidade

Nas citações tiradas de Uma Estranha Realidade, a disposição que os xamãs do México antigo acrescentavam a todos os seus esforços de intento começa a se mostrar com clareza notável. O próprio Dom Juan enfatizou para mim, falando sobre aqueles antigos xamãs, que o aspecto do seu mundo que era de supremo interesse aos praticantes modernos era a consciência aguda que esses xamãs desenvolveram sobre a força universal, que chamavam de intento. Eles explicavam que o elo que cada um desses homens tinha com tal força era tão nítido e claro que eles podiam modificar as coisas à vontade. Dom Juan disse que o intento desses xamãs, desenvolvido com uma intensidade penetrante, era a única ajuda que os praticantes modernos tinham. Ele se expressou em termos mais mundanos, dizendo que os praticantes modernos, se fossem honestos consigo mesmos, pagariam qualquer preço para viver sob o guarda-chuva de tal intento.

Dom Juan assegurou que qualquer um que mostrasse o mais fugaz interesse no mundo dos xamãs da antigüidade era imediatamente trazido para o círculo pelo afiado intento deles. Seu intento era, para Dom Juan, algo incomensurável que nenhum de nós poderia enfrentar. Além disso, ele argumentava que não havia necessidade de enfrentar tal intento, porque era a única coisa que importava; era a essência do mundo desses xamãs, o mundo que os praticantes modernos almejavam acima de qualquer coisa imaginável.

A disposição das citações de Uma Estranha Realidade não é nada que eu tenha arrumado de propósito. É uma disposição que veio à tona independente de meus objetivos e desejos. Podia dizer que é o contrário do que eu tinha em mente. Foi a mola misteriosa da roda do tempo, escondida no texto do livro, que foi subitamente

ativada, e estalou num estado de tensão: uma tensão que estabelecia a direção dos meus esforços.

Na época em que escrevi *Uma Estranha Realidade*, no que diz respeito aos meus sentimentos em relação ao trabalho, eu podia sinceramente garantir que pensava estar feliz por fazer trabalho antropológico de campo, e meus sentimentos e pensamentos estavam tão longe do mundo dos xamãs da antigüidade quanto se possa estar. Dom Juan tinha uma opinião diferente. Sendo um guerreiro experimentado, ele sabia que eu não podia me afastar da atração magnética que o intento daqueles xamãs tinha criado. Eu estava mergulhando nele, quer eu acreditasse ou não, quer o desejasse ou não.

Esse estado de coisas provocou uma ansiedade subliminar em mim. Não era uma ansiedade que eu pudesse definir ou localizar, ou que estivesse mesmo consciente dela. Ela permeava meus atos sem a possibilidade, para mim, de aprendê-la conscientemente, ou de procurar uma explicação. Em retrospecto, posso dizer apenas que eu estava com um medo mortal, ainda que não pudesse determinar de que eu tinha medo.

Tentei muitas vezes analisar essa sensação de medo, mas ficava imediatamente fatigado, aborrecido. Instantaneamente julgava minha investigação sem fundamento, supérflua, e acabava por abandoná-la. Perguntei a Dom Juan sobre meu estado de ser. Queria seu conselho, seu input.

— Você está com medo — ele disse. — E só isso. Não procure razões misteriosas para seu medo. A razão misteriosa está aqui mesmo, na sua frente, ao seu alcance. E o intento dos xamãs do México antigo. Você está tratando com o mundo deles, e esse mundo mostra seu rosto para você, de vez em quando. Naturalmente você não agüenta essa visão. Nem eu podia, na minha época. Nenhum de nós podia.

— Você está falando por enigmas, Dom Juan!

— Estou, por enquanto. Vai ficar claro para você, algum dia. No momento, é idiotice tentar falar sobre isso, explicar alguma coisa. Nada do que estou tentando mostrar para você faria sentido. Alguma banalidade inconcebível faria infinitamente mais sentido para você, neste momento.

Ele estava absolutamente certo. Todos os meus medos eram acionados por uma certa banalidade, da qual eu me envergonhava na época, como me envergonho agora. Eu tinha medo de possessão demoníaca. Esse medo foi introjetado em mim muito cedo em minha vida. Tudo que era inexplicável era, naturalmente, uma coisa má, alguma coisa maligna cujo propósito era me destruir.

Quanto mais mordazes se tornavam as explicações de Dom Juan para o mundo dos antigos xamãs, maior era minha sensação de que eu precisava me proteger. Essa sensação não era nada que pudesse ser verbalizado. Era, mais do que a necessidade de proteger a si próprio, a necessidade de proteger a veracidade e o valor inegável do mundo no qual nós, seres humanos, vivemos. Para mim, o meu mundo era o único mundo reconhecível. Se fosse ameaçado, havia uma reação imediata da minha parte, uma reação que se manifestava numa espécie de medo que jamais serei capaz de explicar; esse medo é alguma coisa que se tem de sentir para perceber a sua imensidão. Não era um medo de morrer ou ser ferido. Era, antes, alguma coisa incomensuravelmente mais profunda. Era tão profunda que qualquer praticante do xamanismo seria incapaz sequer de conceitualizá-la.

— Você veio, por um caminho indireto, se defrontar diretamente com o guerreiro — disse Dom Juan.

Na época, ele enfatizava interminavelmente o conceito de guerreiro. Dizia que o guerreiro era, naturalmente, muito mais do que um mero conceito. Era uma maneira de viver, e que essa maneira de viver era a única forma de deter o medo, e o único

canal que um praticante podia usar para deixar o fluxo de sua atividade se mover livremente. Sem o conceito de guerreiro, era impossível superar as dificuldades do caminho do conhecimento.

Dom Juan definia o guerreiro como o lutador par excellence. Era uma disposição facilitada pelo intento dos xamãs da antigüidade; uma disposição na qual qualquer homem podia entrar.

— O intento desses xamãs — disse Dom Juan — era tão agudo, tão poderoso, que podia solidificar a estrutura do guerreiro em qualquer um que tocasse, mesmo que eles não tivessem consciência disso.

Em suma, o guerreiro era, para os xamãs do México antigo, uma unidade de combate tão sintonizada com a luta em volta dele, tão extraordinariamente alerta na sua forma mais pura, que ele não precisava de nada supérfluo para sobreviver. Não havia necessidade de dar presentes para um guerreiro, ou apoiá-lo com palavras ou ações, ou tentar dar-lhe consolo ou incentivo. Todas essas coisas já estavam incluídas na estrutura do próprio guerreiro. Desde que essa estrutura fosse determinada pelo intento dos xamãs do México antigo, eles se asseguravam de que qualquer coisa previsível estaria incluída. O resultado final era um lutador que lutava só e que tirava de suas próprias convicções silenciosas todo o impulso que necessitava para avançar, sem queixas, sem a necessidade de ser elogiado.

Pessoalmente, achei fascinante o conceito do guerreiro e, ao mesmo tempo, era uma das coisas mais amedrontadoras que jamais tinha encontrado. Pensava que era um conceito que, uma vez que eu o adotasse, me manteria preso numa servidão e não me daria nem tempo nem disposição para protestar, criticar ou me queixar. A queixa foi um hábito de toda a minha vida; para ser sincero, eu teria lutado com unhas e dentes para não deixá-la. Achava que a queixa era um sinal do homem sensível, corajoso e direto que não tem escrúpulos em admitir do que gosta e do que

não gosta. Se tudo isso ia se transformar num organismo de luta, eu achava que ia perder mais do que podia me permitir.

Eram esses meus pensamentos profundos. E, contudo, eu cobiçava a direção, a paz, a eficiência do guerreiro. Um dos grandes auxílios que os xamãs do México antigo usaram ao estabelecer o conceito de guerreiro era a idéia de tomar a morte como uma companheira, uma testemunha de nossos atos. Dom Juan disse que, uma vez aceita essa premissa, mesmo numa forma mitigada, se forma uma ponte que se estende sobre o vazio entre o mundo de nossos afazeres mundanos e alguma coisa que está diante de nós, embora não tenha nome; alguma coisa que está perdida na neblina e não parece existir; alguma coisa tão terrivelmente obscura que não pode ser usada como ponto de referência e, no entanto, está aí, inegavelmente presente.

Dom Juan argumentava que o único ser na terra capaz de cruzar essa ponte era o guerreiro: silencioso em sua luta, ele é um homem que não pode ser detido porque não tem nada a perder; e um homem funcional e eficiente porque tem tudo a ganhar.

CITAÇÕES DE Viagem a Ixtlan

Nós não nos damos conta de que podemos cortar qualquer coisa de nossas vidas, a qualquer momento, num piscar de olhos.

Não há sentido em tirar fotografias ou fazer gravações. São atos supérfluos de vidas sedentárias. Devemos nos preocupar como espírito, que sempre se recolhe.

Um guerreiro não precisa de história pessoal Um dia ele descobre que ela não é mais necessária para ele, e a abandona.

A história pessoal tem de ser constantemente renovada, por se contar a pais, parentes e amigos tudo o que se faz. Por outro lado, se o guerreiro não tem história pessoal, não há necessidade de explicações; ninguém fica zangado ou desiludido com seus atos. E, acima de tudo, ninguém o prende mais com seus pensamentos e suas expectativas.

Quando nada é certo, permanecemos alertas, sempre atentos. É mais emocionante não saber por trás de qual arbusto o coelho está escondido do que se comportar como se soubéssemos de tudo.

Enquanto um homem acha que ele é a coisa mais importante no mundo, não pode apreciar de verdade o universo em volta de si. E como um cavalo com antolhos, só vê a si próprio separado de tudo o mais.

A morte é nossa eterna companheira. Está sempre à nossa esquerda, à distância de um braço atrás de nós. A morte é a única conselheira sábia que um guerreiro tem. Toda vez que ele sente que tudo está errado e que ele está prestes a ser aniquilado, pode virar-se para sua morte e perguntar se é assim mesmo. A morte lhe dirá que ele está errado; que nada realmente importa, além do toque dela. Sua morte dirá a ele: "Ainda não o toquei."

Quando um guerreiro resolve fazer alguma coisa, ele deve ir até o fim, mas tem de assumir a responsabilidade por aquilo que faz. Não importa o que faz, primeiro ele tem de saber por que o faz e depois tem de prosseguir com seus atos sem ter dúvidas ou remorsos em relação a eles.

Em um mundo em que a morte é o caçador, não há tempo para remorsos ou dúvidas. Só há tempo para decisões. Não importa quais decisões. Nada pode ser mais ou menos sério do que qualquer outra coisa. Em um mundo em que a morte é o caçador, não há decisões pequenas ou grandes. Só há decisões que um guerreiro toma em face de sua morte inevitável.

Um guerreiro deve aprender a tornar-se disponível e não disponível, a cada curva da estrada. É inútil para um guerreiro estar tolamente disponível o tempo todo, como é inútil para ele se esconder quando todo mundo sabe que ele está se escondendo.

Para um guerreiro, estar inacessível significa que ele toca o mundo que o cerca com moderação. E, acima de tudo, significa que ele propositadamente evita esgotar a si mesmo e os outros. Ele não usa e espreme as pessoas até reduzi-las a nada, especialmente aquelas que ele ama.

Quando um homem se preocupa, agarra-se a qualquer coisa, em desespero; e quando se agarra está condenado a se esgotar ou a esgotar quem ou o que ele estiver se agarrando. Um guerreiro-caçador, por outro lado, sabe que vai atrair a caça para suas armadilhas muitas e muitas vezes, e portanto não se preocupa. Preocupar-se é tornar-se acessível, acessível sem saber.

Um guerreiro-caçador trata intimamente com seu mundo e, no entanto, é inacessível a esse mesmo mundo. Ele o toca de leve, fica o tempo que precisa e depois vai adiante suavemente, quase sem deixar marcas.

Ser um guerreiro-caçador não é apenas apanhar a caça na armadilha. Um guerreiro-caçador não apanha a caça porque prepara armadilhas, ou porque conhece as rotinas de sua presa, mas porque ele próprio não tem rotinas. Esta é sua vantagem. Ele não é como os animais que persegue, fixados por rotinas pesadas e manias previsíveis; ele é livre, fluido, imprevisível.

Para o homem comum, o mundo é estranho porque, se não está entediado com ele, está com raiva dele. Para um guerreiro, o mundo é estranho porque é estupendo, assombroso, misterioso, insondável. Um guerreiro deve assumir a responsabilidade por estar aqui, neste mundo maravilhoso, nesse tempo maravilhoso.

Um guerreiro deve aprender a fazer todos seus atos contarem, já que ele vai ficar aqui neste mundo por muito pouco tempo; na verdade, um tempo demasiado curto para que ele possa presenciar todas as suas maravilhas.

Os atos têm poder. Especialmente quando a pessoa que age sabe que aqueles atos são sua última batalha. Há uma estranha felicidade em agir com o pleno conhecimento de que o que quer que ela esteja fazendo pode muito bem ser o seu último ato sobre a terra.

Um guerreiro deve focalizar sua atenção no elo entre ele e sua morte. Sem remorso nem tristeza nem preocupação, ele deve focalizar sua atenção no fato de que ele não tem tempo e deixar que seus atos fluam de acordo. Ele deve deixar que cada um de seus atos seja sua última batalha sobre a terra. Só nessas condições é que seus atos terão o devido poder. Senão eles serão, enquanto ele viver, os atos de um tolo.

Um guerreiro-caçador sabe que sua morte o está esperando e o próprio ato que ele está executando agora pode muito bem ser sua última batalha sobre a terra. Ele o chama de uma batalha porque é uma luta. A maioria das pessoas passa de

um ato para outro sem qualquer luta ou pensamento. Um guerreiro-caçador, ao contrário, avalia cada ato; e como tem um conhecimento íntimo de sua morte, procede judiciosamente, como se cada ato fosse sua última batalha. Só um tolo deixaria de perceber a vantagem que um guerreiro-caçador leva sobre seus semelhantes. Um guerreiro-caçador dá à sua última batalha o devido respeito. É natural que seu último ato sobre a terra seja o melhor dele. E agradável assim. Amortece o seu medo.

Um guerreiro é um caçador imaculado que caça poder; não é bêbado nem doido, nem tem tempo ou disposição para fingir, ou mentir a si próprio, ou fazer um movimento errado. A questão é muito decisiva para isso. Ele está arriscando sua própria vida ordenada, que ele levou tanto tempo para ajustar e aperfeiçoar. Ele não vai jogar tudo isso fora cometendo um erro de cálculo tolo, tomando uma coisa por outra.

Um homem, qualquer homem, merece tudo o que está destinado ao homem — alegria, dor, tristeza e luta. A natureza de seus atos não tem importância, enquanto ele agir como um guerreiro.

Se o seu espírito está distorcido, ele deve simplesmente endireitá-lo — purificá-lo, torná-lo perfeito —, pois não há nenhum outro trabalho, em todas as nossas vidas, que valha mais a pena. Não endireitar o espírito é procurar a morte, e isso é o mesmo que não procurar nada, pois a morte nos apanhará, de qualquer maneira. Buscar a perfeição do espírito do guerreiro é a única tarefa digna de nosso tempo limitado e de nossa virilidade.

A coisa mais difícil deste mundo é adquirir a disposição de um guerreiro. Não adianta ficar triste, queixar-se e achar justificativa para isso, acreditando que alguém está sempre nos fazendo alguma coisa. Ninguém está fazendo nada a ninguém, muito menos a um guerreiro.

Um guerreiro é um caçador. Calcula tudo. Isso é controle. Mas, uma vez terminados seus cálculos, ele age. Entrega-se. Isso é abandono. Um guerreiro não é uma folha à mercê do vento. Ninguém pode empurrá-lo; ninguém pode obrigá-lo a fazer coisas contra si mesmo ou contra o que ele acha certo. Um guerreiro é preparado para sobreviver, e ele sobrevive da melhor maneira possível.

Um guerreiro é apenas um homem. Um homem humilde. Ele não pode mudar os desígnios de sua morte. Mas seu espírito impecável, que armazenou poder depois de privações tremendas, certamente pode deter a sua morte por um momento, um momento suficientemente longo para deixá-lo regozijar-se pela última vez ao recordar seu poder. Podemos dizer que é um gesto que a morte tem com aqueles que possuem um espírito impecável.

Não importa como se é criado. O que determina a maneira com que se faz qualquer coisa é o poder pessoal. Um homem é apenas a soma de seu poder pessoal, e essa soma determina como ele vive e como ele morre.

O poder pessoal é algo que se sente, algo como ter sorte. Pode-se chamá-lo uma disposição. O poder pessoal é alguma coisa que se adquire por meio de uma vida inteira de luta.

Um guerreiro age como se soubesse o que está fazendo quando, na verdade, não sabe nada.

Um guerreiro não tem remorsos por nada que tenha feito, porque isolar os atos de alguém como sendo mesquinhos, feios ou maus é dar uma importância indevida ao eu, o truque está naquilo a que se dá importância. Ou nos fazemos miseráveis, ou nos fazemos fortes. A quantidade de trabalho é a mesma.

As pessoas nos dizem, desde que nascemos, que o mundo é assim e assado, e naturalmente não temos escolha senão aceitar que o mundo é da maneira que as pessoas nos dizem que é.

A arte do guerreiro é equilibrar o terror de ser um homem com a maravilha de ser um homem.

Comentário sobre Viagem a Ixtlan

Na época em que eu estava escrevendo Viagem a Ixtlan, um clima muito misterioso me envolvia totalmente. Dom Juan Matus estava empregando algumas medidas extremamente pragmáticas à minha conduta diária. Ele havia delineado alguns passos para a ação e desejava que eu os seguisse rigorosamente. Havia me dado três tarefas que tinham somente a mais vaga referência ao mundo da minha vida cotidiana, ou a qualquer outro mundo. Ele queria que eu me esforçasse, no meu mundo cotidiano, em apagar a minha história pessoal através de qualquer meio concebível. Em seguida, ele queria que eu interrompesse minha rotina, e, finalmente, queria que eu abandonasse meu senso de auto-importância.

—Como é que vou fazer tudo isso, Dom Juan? — perguntei-lhe.

— Não tenho idéia — ele respondeu. — Nenhum de nós tem idéia de como fazê-lo, pragmática e efetivamente. Mesmo assim, se começamos o trabalho, acabamos realizando-o, sem jamais saber o que veio em nosso auxílio.

"A dificuldade que você encontra é a mesma que eu próprio encontrei — ele continuou. — Garanto a você que nossa dificuldade nasce da ausência total, em nossas vidas, da idéia de que o mundo nos instiga a mudar. Ao mesmo tempo que meu mestre me deu essa tarefa, tudo de que eu precisava para realizá-la era da idéia de que isso podia ser feito. Uma vez tendo essa idéia, eu a realizei sem saber como. Recomendo que você faça o mesmo."

Entreguei-me, então, às mais tortuosas queixas, aludindo ao fato de que eu era um cientista social, acostumado a direções

práticas que tinham substância em si, não a alguma coisa vaga que dependia mais de soluções mágicas do que de meios práticos.

— Pode dizer o que quiser — respondeu Dom Juan, rindo.
— Assim que você tiver terminado de se queixar, esqueça seus escrúpulos e faça o que lhe pedi para fazer.

Dom Juan estava certo. Tudo de que eu precisava, ou melhor, tudo de que uma parte misteriosa e oculta de mim precisava era da idéia. O "eu" que eu havia conhecido por toda minha vida precisava infinitamente de mais do que de uma idéia. Precisava de instrução, de estímulo, de direção. Fiquei tão intrigado por meu sucesso que as tarefas de apagar minhas rotinas, perder minha auto-importância e abandonar minha história pessoal tornaram-se um puro prazer.

— Você tem jeito para o caminho do guerreiro — disse Dom Juan como uma maneira de explicar meu misterioso sucesso.

Lenta e metodicamente, ele guiou minha percepção para focalizar com mais e mais intensidade a elaboração abstrata do conceito do guerreiro, que ele chamava o caminho do guerreiro e a senda do guerreiro. Ele explicou que o caminho do guerreiro era uma estrutura de idéias estabelecida pelos xamãs do México antigo. Esses xamãs tinham derivado essa estrutura por meio de sua capacidade em ver a energia que flui livremente no universo. Portanto, o caminho do guerreiro era um conglomerado muito harmonioso de fatos energéticos, verdades irreduzíveis determinadas exclusivamente pela direção do fluxo de energia no universo. Dom Juan declarou categoricamente que não havia nada no caminho do guerreiro que pudesse ser discutido, nada que pudesse ser mudado. Esse caminho era em si mesmo e por si mesmo uma estrutura perfeita, e quem fosse que o seguisse era encurralado por fatos energéticos que não admitiam discussão, nenhuma especulação sobre sua função e seu valor.

Dom Juan disse que aqueles xamãs o chamavam de o caminho do guerreiro porque sua estrutura abrangia todas as possibilidades vivas que um guerreiro poderia encontrar na senda do conhecimento. Esses xamãs eram absolutamente exaustivos e metódicos na sua procura de tais possibilidades. Segundo Dom Juan, eles foram realmente capazes de incluir em sua estrutura abstrata tudo que é humanamente possível.

Dom Juan comparou o caminho do guerreiro a um edifício, no qual cada um de seus elementos é um dispositivo de suporte, cuja única função era sustentar a psique do guerreiro no seu papel de iniciante de xamã, com o objetivo de tornar seus movimentos fáceis e significativos. Ele declarou inequivocamente que o caminho do guerreiro era a estrutura essencial, sem a qual os iniciantes de xamã naufragariam na imensidão do universo.

Dom Juan chamava o caminho do guerreiro a glória suprema dos xamãs do México antigo. Ele o considerava a sua mais importante contribuição, a essência de sua sobriedade.

— O caminho do guerreiro é tão absolutamente importante, Dom Juan? — eu lhe perguntei uma vez.

— "Absolutamente importante" é um eufemismo. O caminho do guerreiro é tudo. É o resumo da saúde mental e física. Não posso explicar de outro modo. O fato de os xamãs do México antigo terem criado tal estrutura significa, para mim, que eles estavam no auge de seu poder, no cume de sua felicidade, no ápice de sua alegria.

Ao nível da aceitação ou da rejeição pragmáticas nas quais eu pensava ter afundado na época, abraçar a senda do guerreiro totalmente e sem reservas me era inteiramente impossível. Quanto mais Dom Juan explicava a senda do guerreiro, mais intensa era

minha sensação de que, na verdade, ele maquinava para demolir meu equilíbrio.

A orientação de Dom Juan, portanto, era velada. Entretanto, manifesta-se com clareza estupenda, nas citações tiradas de Viagem a Ixtlan. Dom Juan avançou em mim aos trancos e barrancos, e a uma velocidade tremenda, sem que eu tomasse consciência, e de repente respirava no meu pescoço. Pensei muitas vezes que eu estava à beira de aceitar de boa vontade um outro sistema cognitivo, ou então eu ficava tão indiferente que não me importava se tudo acontecesse de um jeito ou de outro.

Naturalmente, havia sempre a opção de fugir daquilo tudo, mas isso não era sustentável. De alguma maneira, as instruções de Dom Juan e meu uso maciço do conceito do guerreiro tinham me endurecido ao ponto que eu já não estava mais com tanto medo. Eu tinha sido apanhado, mas, na verdade, isso não fazia diferença. Eu só sabia que estava lá, com Dom Juan, para ficar.

CITAÇÕES DE Porta para o Infinito

A autoconfiança do guerreiro não é a autoconfiança do homem comum. O homem comum procura certeza nos olhos do observador e chama a isso autoconfiança. O guerreiro procura impecabilidade aos próprios olhos e chama a isso humildade. O homem comum está preso aos seus semelhantes, enquanto o guerreiro só está preso ao infinito.

Há muitas coisas que um guerreiro pode fazer, em determinado momento, que não poderia ter feito anos antes. Essas coisas não mudaram; o que mudou foi a idéia do guerreiro sobre si mesmo.

O único caminho possível que um guerreiro tem é agir com coerência e sem reservas. Chega um momento em que ele sabe o suficiente sobre o caminho do guerreiro para agir de acordo, mas seus velhos hábitos e rotinas podem obstruir seu caminho.

Se for para um guerreiro ser bem-sucedido em alguma coisa, esse sucesso deve vir com suavidade, com muito esforço, mas sem tensões nem obsessão.

O diálogo interno é o que prende as pessoas no mundo cotidiano. O mundo é assim e assado, desta ou daquela maneira, só porque dizemos a nós mesmos que ele é assim e assado, desta ou daquela maneira. A passagem para o mundo dos xamãs se abre depois que o guerreiro aprendeu a silenciar seu diálogo interno.

Mudar nossa idéia sobre o que é o mundo é o ponto crucial do xamanismo. E parar o diálogo interno é o único meio de conseguir isso.

Quando o guerreiro aprende a parar o diálogo interno, tudo se torna possível; as coisas mais difíceis podem ser alcançadas.

Um guerreiro aceita seu destino, seja ele qual for, e o aceita na mais total humildade. Aceita com humildade aquilo que ele é, não como fonte de remorsos, mas como um desafio vivo.

A humildade de um guerreiro não é a humildade de um mendigo. O guerreiro não curva a cabeça para ninguém, mas, ao mesmo tempo, não permite que ninguém curve a cabeça para ele. O mendigo, por sua vez, cai de joelhos por qualquer coisa e lambe o chão para qualquer um que considere seu superior; mas, ao mesmo tempo, exige que alguém suposta mente inferior lamba o chão para ele.

Alívio, refúgio, medo, todas essas palavras criaram estados de espírito que você aprendeu a aceitar sem jamais questionar seu valor.

Nossos semelhantes são da magia negra. E quem quer que esteja com eles também é da magia negra. Pense nisso. Você pode se desviar do caminho que seus semelhantes traçaram para você? E, se você permanecer com eles, seus pensamentos e suas ações são determinadas para sempre pelos termos deles. Isso é escravidão. Por outro lado, o guerreiro está livre de tudo isso. A liberdade custa caro, mas o preço pode ser pago. Assim, tema seus captores, seus senhores. Não desperdice seu tempo e seu poder temendo a liberdade.

O defeito das palavras é que elas nos fazem sentir esclarecidos, mas, quando nos viramos para enfrentar o mundo, elas sempre nos falham e acabamos por enfrentar o mundo como sempre fizemos, sem esclarecimento. Por esse motivo, um guerreiro procura agir mais do que falar, e para isso ele arranja uma nova descrição do mundo — uma nova descrição na qual falar não é tão importante e na qual atos novos têm novas reflexões.

Um guerreiro já se considera morto, de maneira que ele não tem nada a perder. O pior já lhe aconteceu, portanto ele está lúcido e calmo; a julgar por seus atos ou por suas palavras, não se suspeitaria que ele tenha presenciado tudo.

O conhecimento é um assunto muito peculiar, especialmente para um guerreiro. O conhecimento, para um guerreiro, é algo que vem de repente, que envolve-o e continua adiante.

O conhecimento vem ao guerreiro flutuando, como pontos de pó dourado, o mesmo pó que cobre as asas das mariposas. Assim, para um guerreiro, o conhecimento é como tomar uma chuva, ou apanhar uma chuva de pontos de pó de ouro escuro.

Sempre que o diálogo interior pára, o mundo entra em colapso, e facetas extraordinárias de nós mesmos emergem, como se tivessem sido mantidas rigorosamente guardadas por nossas palavras.

O mundo é insondável. E nós também somos, assim como todos os seres que existem neste mundo.

Os guerreiros não conquistam suas vitórias batendo suas cabeças contra os muros, mas ultrapassando os muros. Os guerreiros saltam sobre os muros; eles não os derrubam.

Um guerreiro deve cultivar o sentimento de que ele tem tudo de que precisa para a viagem extravagante que é sua vida. O que conta para um guerreiro é estar vivo. A vida em si é suficiente, auto-explicativa e completa.

Portanto, pode-se dizer, sem presunção, que a experiência das experiências é estar vivo.

O homem comum acha que se entregar a dúvidas e aflições é sinal de sensibilidade, de espiritualidade. A verdade, nesse assunto, é que o homem comum está o mais longe de ser sensível que se pode imaginar. Sua razão insignificante, deliberadamente, se apresenta como um monstro ou um santo, mas na verdade é muito pequena para ser o molde de um grande monstro ou o de um santo.

Ser um guerreiro não é uma simples questão de querer. É mais uma luta interminável que continuará até o último momento de nossas vidas. Ninguém nasce um guerreiro, exatamente da mesma maneira que ninguém nasce um homem comum. Nós nos tornamos um ou outro.

Um guerreiro morre da maneira mais difícil Sua morte deve lutar para levá-lo. Um guerreiro não se entrega à morte facilmente.

Os seres humanos não são objetos; não têm solidez. São seres redondos, luminosos; são ilimitados. O mundo dos objetos e da solidez é somente uma descrição que foi criada para ajudá-los a tomar mais cômoda sua passagem sobre a terra.

A razão deles os faz esquecer que a descrição é apenas uma descrição e, antes que percebam, os seres humanos encerram a totalidade de si mesmos num círculo vicioso do qual eles raramente emergem durante sua vida.

Os seres humanos são percebedores, mas o mundo que percebem é uma ilusão: uma ilusão criada pela descrição que lhes foi ensinada desde o momento que nasceram.

Assim, em essência, o mundo que a razão deles quer sustentar é o mundo criado por uma descrição e suas regras dogmáticas e invioláveis, que a razão deles aprende a aceitar e a defender.

A vantagem oculta dos seres luminosos é que eles têm algo que nunca é usado: intento. A manobra dos xamãs é a mesma do homem comum. Ambos têm uma descrição do mundo. O homem comum a sustenta com sua razão; o xamã a sustenta com seu intento. Ambas as descrições têm suas regras; mas a vantagem do xamã é que o intento é mais abrangente do que a razão.

Só como um guerreiro é possível suportar o caminho do conhecimento. Um guerreiro não pode se queixar nem se arrepender de nada. Sua vida é um desafio interminável, e os desafios não podem ser bons ou maus. Desafios são apenas desafios.

A diferença entre um homem comum e um guerreiro é que o guerreiro toma tudo como um desafio, enquanto o homem comum toma tudo como uma bênção ou uma maldição.

O trunfo do guerreiro é que ele acredita sem acreditar. Mas, obviamente, um guerreiro não pode simplesmente dizer que acredita e deixar tudo por isso mesmo. Seria fácil demais. Acreditar sem esforço apenas o desobrigaria de examinar sua situação. Um guerreiro, sempre que tem de se envolver em acreditar, faz isso como uma escolha. Um guerreiro não acredita, um guerreiro tem de acreditar.

A morte é o ingrediente indispensável em ter de acreditar. Sem a consciência da morte, tudo é comum, trivial. E só porque a morte o espreita que o guerreiro tem de acreditar que o mundo é um mistério insondável. Ter de acreditar dessa maneira é a expressão da preferência mais íntima do guerreiro.

O poder sempre deixa um centímetro cúbico de chance disponível para o guerreiro. A arte do guerreiro é ser perenemente fluido para colhê-lo.

O homem comum é consciente de tudo apenas quando ele acha que deve ser; a condição do guerreiro, entretanto, é estar

consciente de tudo o tempo todo.

A totalidade de cada um de nós é um assunto muito misterioso. Só precisamos de uma parte muito pequena dela para completar as tarefas mais complexas da vida. Contudo, quando morremos, morremos com a totalidade de nós mesmos.

Uma regra prática para um guerreiro é que ele toma suas decisões com tanto cuidado que nada que possa acontecer como resultado delas pode surpreendê-lo, e muito menos esgotar seu poder.

Quando um guerreiro decide agir, ele deve estar preparado para morrer. Se está preparado para morrer, não haverá tropeços, surpresas desagradáveis, nem atos desnecessários. Tudo deve se encaixar suavemente em seu lugar porque ele nada espera.

Um guerreiro, como um mestre, tem de primeiro ensinar sobre a possibilidade de agir sem acreditar, sem esperar recompensas — agir só por agir Seu sucesso como mestre depende da eficiência e da harmonia com que ele guia seus aprendizes nesse particular específico.

Para ajudar seu aprendiz a apagar a história pessoal, o guerreiro como mestre ensina três técnicas: perder a auto-importância, assumir a responsabilidade pelos próprios atos e usar a morte como conselheira. Sem o benefício dessas três técnicas, apagar a história pessoal o levaria a ser furtivo, evasivo e desnecessariamente dúbio sobre si mesmo e suas próprias ações.

Não há meio de nos livrarmos da autopiedade para sempre: ela tem um lugar e um caráter definidos em nossas vidas, uma fachada definitiva que é reconhecível Assim, cada vez que surge a ocasião, a autopiedade se torna ativa. Ela tem uma

história. Mas se mudamos a fachada, mudamos seu lugar de proeminência.

Mudamos as fachadas alterando os elementos que a compõem. A autopiedade é útil porque faz com que a pessoa se sinta importante e merecedora de melhores condições, melhor tratamento — ou porque ela não quer assumir a responsabilidade pelos atos que a trouxeram para o estado que evocou a autopiedade.

Mudar a fachada da autopiedade significa apenas que a pessoa designou um lugar secundário para um elemento que era importante. A autopiedade ainda é uma característica proeminente; mas agora ela ocupa uma posição ao fundo, do mesmo modo que a idéia da morte iminente, a idéia da humildade do guerreiro ou a idéia da responsabilidade pelos próprios atos também já estiveram, para o guerreiro, numa posição ao fundo, sem nunca serem usadas até o momento em que ele se tornou um guerreiro.

Um guerreiro reconhece sua dor mas não se entrega a ela. O ânimo do guerreiro que entra no desconhecido não é de tristeza; ao contrário, ele é alegre, pois sente-se dominado por sua grande sorte, confiante porque seu espírito é impecável e, acima de tudo, totalmente consciente de sua eficiência. A alegria do guerreiro vem da aceitação de seu destino, e por ter avaliado corretamente o que está à sua frente.

Comentário sobre Porta para o Infinito

Porta para o Infinito é o marco da minha pior queda. Na época em que os eventos narrados nesse livro aconteceram, sofri uma profunda desordem emocional, o colapso do guerreiro. Dom Juan Matus abandonou este mundo, e deixou nele seus quatro aprendizes. Cada um desses aprendizes foi abordado pessoalmente por Dom Juan, e recebeu uma tarefa específica. Considerarei minha tarefa um placebo sem sentido, em comparação com a perda.

Não ver mais Dom Juan não podia ser suavizado com pseudotarefas. Meu primeiro pedido a Dom Juan foi, naturalmente, dizer-lhe que eu queria ir com ele.

— Você ainda não está pronto — ele disse. — Vamos ser realistas.

— Mas posso ficar pronto num piscar de olhos — garanti a ele.

— Não duvido. Você ficará pronto, mas não para mim. Eu exijo eficiência perfeita. Eu exijo intento impecável, uma disciplina impecável. Você ainda não tem isso. Vai ter, está se encaminhando para isso, mas ainda não chegou lá.

— Você tem o poder de me levar até lá, Dom Juan. Em estado bruto e imperfeito.

— Suponho que tenha, mas não o farei, porque seria um desperdício lamentável para você. Você estaria sujeito a perder tudo, acredite em mim. Não insista. A insistência não existe no mundo dos guerreiros.

Essa afirmação foi suficiente para me deter. Interiormente, entretanto, eu ansiava em ir com ele e me aventurar além das fronteiras de tudo que eu conhecia como normal e real.

Quando chegou o momento em que Dom Juan realmente deixou este mundo, ele se transformou numa espécie de luminosidade colorida e vaporosa. Ele era energia pura, fluindo livremente no universo. Minha sensação de perda foi tão grande, naquele momento, que eu queria morrer. Desconsidereei tudo que Dom Juan havia dito e, sem qualquer hesitação, resolvi me jogar num precipício. Raciocinei que se eu fizesse aquilo, morrendo, Dom Juan seria obrigado a me levar com ele e salvar qualquer pedaço de consciência que restasse em mim.

Mas por motivos inexplicáveis, quer eu o veja a partir das premissas de meu conhecimento normal, ou a partir do conhecimento do mundo dos xamãs, não morri. Fui deixado sozinho no mundo da vida cotidiana, enquanto meus três companheiros se espalharam pelo mundo. Eu era um desconhecido para mim mesmo, foi algo que tornou minha solidão mais pungente do que nunca.

Vi a mim mesmo como um provocador, uma espécie de espião, que Dom Juan deixara para trás por alguma razão obscura. As citações tiradas do corpus de Porta para o Infinito mostram a qualidade desconhecida do mundo, não do mundo dos xamãs, mas do mundo da vida cotidiana, que, segundo Dom Juan, é tão misterioso e rico quanto qualquer coisa pode ser. Para colher as maravilhas deste mundo da vida cotidiana, precisamos de suficiente desapego.

Mas mais do que desapego, precisamos de bastante afeição e abandono.

— Um guerreiro deve amar este mundo — me avisara Dom Juan —, para que este mundo, que parece tão trivial, abra-se e mostre suas maravilhas.

Quando ele fez essa afirmação, estávamos no deserto de Sonora.

— E um sentimento sublime — ele disse — estarmos neste deserto maravilhoso, ver aqueles picos escarpados de falsas montanhas que foram, na realidade, feitas pelo fluxo da lava de vulcões extintos há muito tempo. É um sentimento glorioso descobrir que algumas daquelas pepitas de obsidiana foram formadas em temperaturas tão elevadas que ainda conservam a marca de sua origem. Elas possuem poder em abundância. Vagar sem destino por aqueles picos encarpados e encontrar, efetivamente, um pedaço de quartzo que absorve ondas de rádio é algo extraordinário. A única limitação dessa viagem maravilhosa é que para entrar nas maravilhas deste mundo, ou nas maravilhas de um outro mundo, um homem tem de ser um guerreiro: calmo, senhor de si, indiferente, amadurecido pelas investidas do desconhecido. Você ainda não está maduro bastante. Portanto, é seu dever procurar a realização antes que você possa falar em se aventurar no infinito.

Passei trinta e cinco anos de minha vida procurando a maturidade do guerreiro. Fui a lugares que desafiam a descrição, procurando aquela sensação de ser amadurecido pelos ataques do desconhecido. Partia sem alarde, discretamente, e voltava da mesma maneira. Os trabalhos dos guerreiros são silenciosos e solitários, e quando os guerreiros vão, ou voltam, eles o fazem de maneira tão inconspícua que ninguém fica sabendo. Procurar a maturidade do guerreiro de outra maneira seria ostensivo e, portanto inadmissível.

As citações de Porta para o Infinito foram a maneira mais pungente de lembrar que o intento dos xamãs que viveram no México nos tempos antigos ainda estava impecavelmente ativo. A roda do tempo estava se movendo inexoravelmente a minha volta, forçando-me a olhar os sulcos sobre os quais não se pode falar e ainda permanecer coerente.

— Basta dizer — me disse Dom Juan, certa vez — que a imensidão desse mundo, seja o mundo dos xamãs ou o do homem

comum, é tão evidente que só uma aberração poderia evitar que a notássemos. Tentar explicar a seres aberrantes como é ficar perdido nos sulcos da roda do tempo é a coisa mais absurda que um guerreiro poderia tentar fazer. Portanto, ele se assegura de que suas viagens são apenas a peculiaridade de sua condição de ser um guerreiro.

CITAÇÕES DE O Segundo Círculo do Poder

Quando não se tem nada a perder, fica-se corajoso. Só somos tímidos quando há ainda alguma coisa a que nos apegamos.

Um guerreiro não pode deixar nada ao acaso. Ele interfere no resultado dos acontecimentos através da força de sua consciência e de seu intento inflexível

Se um guerreiro quiser pagar por todos os favores que recebeu e não tiver ninguém em particular a quem fazer seu pagamento, pode fazê-lo ao espírito do homem. Essa conta tem sempre um saldo muito pequeno e o que se botar ali é mais do que suficiente.

Depois de ter arrumado o mundo da forma mais bela e ilustrada, o erudito vai para casa às cinco horas da tarde, para esquecer a sua bela arrumação.

A forma humana é um conglomerado de campos de energia que existe no universo e que está relacionado exclusivamente com os seres humanos. Os xamãs a chamam de a forma humana porque esses campos de energia têm sido envergados e distorcidos por uma vida inteira de hábitos e uso inadequado.

Um guerreiro sabe que não pode mudar e, ainda assim, tenta mudar. O guerreiro nunca fica desapontado quando não consegue mudar. Esta é a única vantagem que um guerreiro tem sobre o homem comum.

Os guerreiros devem ser impecáveis em seus esforços para mudar, a fim de assustar a forma humana e expulsá-la. Depois de anos de impecabilidade, chega um momento em que a forma humana não pode suportar mais e parte. Quer dizer que chega um momento em que os campos de energia distorcidos por uma vida inteira de hábitos são endireitados. O guerreiro é profundamente afetado e pode até morrer por causa dessa arrumação nos campos de energia, mas um guerreiro impecável sempre sobrevive.

A única liberdade que os guerreiros têm é a de se comportar impecavelmente. A impecabilidade não é apenas liberdade; é a única maneira de endireitar a forma humana.

Todo hábito precisa de todas as suas partes para funcionar. Se algumas partes faltam, o hábito é desmontado.

A luta é aqui mesmo, nesta terra. Somos criaturas humanas. Quem sabe o que espera por nós, ou que tipo de poder podemos ter?

O mundo dos homens sobe e desce, e as pessoas sobem e descem com seu mundo; mas os guerreiros não têm nada a ver com essas subidas e descidas de seus semelhantes.

A essência de nosso ser é o ato de perceber, e a mágica de nosso ser é o ato da consciência. Percepção e consciência são uma unidade singular, funcional e inextricável.

Só escolhemos uma vez. Escolhemos ser guerreiros ou homens comuns. Não existe uma segunda escolha. Não nesta terra.

O caminho do guerreiro oferece a um homem uma nova vida, e essa vida tem de ser completamente nova. Ele não pode trazer para essa nova vida os seus velhos e horríveis hábitos.

Os guerreiros sempre consideram o primeiro evento de qualquer série como o plano ou o mapa do que vai se desenvolver subseqüentemente para eles.

Os seres humanos adoram que lhes digam o que fazer, mas adoram ainda mais lutar e não fazer o que lhe dizem, de maneira que acabam odiando aquele que lhes disse, em primeiro lugar, o que fazer.

Todo mundo tem suficiente poder pessoal para alguma coisa. O truque do guerreiro consiste em empurrar seu poder pessoal para longe de sua fraqueza e para junto de seu propósito como guerreiro.

Todo mundo pode ver e no entanto escolhemos não lembrar o que vemos.

Comentário sobre O Segundo Círculo do Poder

Vários anos se passaram antes que eu escrevesse O Segundo Círculo do Poder. Dom Juan havia partido e as citações desse livro são lembranças do que ele disse, lembranças provocadas por uma nova situação, um novo desenvolvimento. Outro personagem havia aparecido na minha vida. Era uma integrante do grupo de Dom Juan, Florinda Matus. Todos os aprendizes de Dom Juan compreenderam que, quando Dom Juan partiu, Florinda foi deixada aqui para, de alguma maneira, completar a última parte de nosso treinamento.

— Só quando você for capaz de seguir as ordens de uma mulher sem prejuízo para seu ser, você será completo — disse Dom Juan. — Mas essa mulher não pode ser qualquer uma. Deve ser alguém especial, alguém que tenha poder e uma qualidade de implacabilidade que não permitirá que você seja o mandachuva que você pensa ser.

Naturalmente, ri de suas afirmações. Achei que ele estava brincando. Mas, na verdade, ele não brincava. Um dia, Florinda Donner-Grau e Taisha Abelar voltaram, e fomos para o México. Fomos a uma loja de departamentos na cidade de Guadalajara e lá encontramos Florinda Matus, a mulher mais bela que eu já havia visto: muito alta — um metro e oitenta —, esguia, angulosa, com um lindo rosto, velha e contudo muito jovem.

— Ah! Aí estão vocês! — ela exclamou, quando nos viu. — Os Três Mosqueteiros! The Pep Boys — Eenie, Meerde e Mo! Procurei vocês por toda parte!

E sem mais nada para dizer, ela tomou conta de nós. Florinda Donner-Grau, naturalmente, deliciava-se a não mais poder. Taisha Abelar era muito reservada, como sempre, e eu estava mortificado, quase furioso. Eu sabia que o esquema não ia

funcionar. Estava pronto para bater de frente com essa mulher na primeira vez que ela abrisse sua boca ousada e viesse com mais merda do tipo "Eenie, Meerde e Mo — the Pep Boys".

Coisas insuspeitas, entretanto, que eu tinha em reserva, vieram em meu auxílio, evitaram qualquer reação de ira ou insatisfação e acabei me dando maravilhosamente bem com ela, muito melhor do que eu poderia imaginar. Ela nos dirigia com mão de ferro. Era a rainha incontestável de nossas vidas. Ela tinha o poder, o desapego, para realizar sua tarefa de nos ajustar da maneira mais sutil possível. Não nos deixava afundar na autopiedade ou nos queixar se alguma coisa não era exatamente de nosso agrado. Não era como Dom Juan, de maneira alguma. Não tinha sua sobriedade, mas tinha outra qualidade que compensava essa carência: era tão rápida quanto qualquer coisa possa ser. Um olhar era o suficiente para que ela compreendesse toda uma situação e agisse instantaneamente de acordo com o que era esperado dela.

Uma de suas brincadeiras favoritas, que eu gostava demais, era perguntar formalmente a uma platéia, ou a um grupo de pessoas a quem ela falava: "Alguém aqui sabe alguma coisa sobre a pressão e o deslocamento de gases?" Ela perguntava, com seriedade autêntica. E quando a platéia respondia: "Não, não sabemos", ela dizia: "Então posso dizer qualquer coisa que quiser, certo?!"—e, de fato, ela continuava dizendo qualquer coisa que quisesse. Algumas vezes inclusive dizia coisas tão ridículas que eu me dobrava no chão de tanto rir.

Outra pergunta clássica que ela fazia era: "Alguém aqui sabe alguma coisa sobre a retina dos chimpanzés? Não?" — e Florinda dizia então barbaridades sobre a retina dos chimpanzés. Nunca na minha vida me diverti tanto. Eu era seu admirador e seguidor incondicional.

Certa vez tive uma fístula na cabeça do osso de meu quadril, resultado de uma queda que eu sofrera anos antes, num barranco cheio de agulhas de cactos. Fiquei com setenta e cinco agulhas de cactos em meu corpo. Uma delas não saiu completamente ou deixou um resíduo de sujeira ou terra que, anos depois, produziu a fístula.

Meu médico disse:

— Isso não é nada. É só um saco de pus que deve ser lancetado. É uma operação muito simples. Vai demorar apenas alguns minutos para removê-lo.

Consultei Florinda e ela disse:

— Você é o nagual. Ou você cura a si próprio ou morre. Sem sombra de dúvidas, nem comportamento dúbio. Para um nagual, ser lancetado por um médico significa que você perdeu seu poder. Um nagual morrer de fístula? Que vergonha.

Com exceção de Florinda Donner-Grau e Taisha Abelar, os demais aprendizes de Dom Juan não ligavam para Florinda. Ela era uma figura ameaçadora. Era alguém que não lhes concedia a liberdade a que eles julgavam ter direito. Ela nunca festejava suas pseudo-explorações de xamanismo e interrompia suas atividades toda vez que se desviavam da senda do guerreiro.

No corpus de O Segundo Círculo do Poder, essa luta dos aprendizes é evidente demais. Os outros aprendizes de Dom Juan formavam um grupo perdido, cheio de explosões egomaniacas, cada um pressionando em sua própria direção, cada um proclamando seu próprio valor.

Tudo o que aconteceu em nossas vidas daquela época em diante foi profundamente influenciado por Florinda Matus e, contudo, ela nunca aparecia na frente. Era sempre uma figura de fundo, sábia, engraçada, implacável. Florinda Donner-Grau e eu

aprendemos a amá-la como nunca antes tínhamos amado alguém, e quando ela partiu, deixou para Florinda Donner-Grau seu nome, suas jóias, seu dinheiro, sua graça e seu savoir-faire. Senti que nunca poderia escrever um livro sobre Florinda Matus e que, se alguém o fizesse, teria de ser Florinda Donner-Grau, sua verdadeira herdeira, sua filha entre as filhas. Eu era, como Florinda Matus, apenas uma figura de fundo, colocada ali por Dom Juan Matus para quebrar a solidão de um guerreiro, e desfrutar minha passagem sobre a terra.

CITAÇÕES DE O Presente da Águia

A arte de sonhar é a capacidade de utilizar nossos sonhos comuns e transformá-los numa consciência controlada por uma forma especial de atenção chamada a atenção sonhadora.

A arte da espreita é um conjunto de procedimentos e atitudes que possibilita a um guerreiro conseguir o melhor de qualquer situação concebível.

A recomendação para os guerreiros é não possuir quaisquer coisas materiais nas quais focalizem seu poder, mas focalizá-lo no espírito, no verdadeiro vôo para o desconhecido, não em trivialidades.

Qualquer um que queira seguir a senda do guerreiro tem de se livrar da compulsão para possuir e se apegar às coisas.

Ver é um conhecimento corporal. A predominância do sentido visual em nós influencia esse conhecimento corporal e faz com que ele pareça relacionado ao olho.

Perder a forma humana é como uma espiral. Dá ao guerreiro a liberdade de lembrar-se de si mesmo como campos puros de energia e isso, por sua vez, torna-o ainda mais livre.

Um guerreiro sabe que está esperando e sabe o que está esperando, e enquanto ele espera deleita-se olhando para o mundo. A suprema realização do guerreiro é gozar a alegria do infinito.

O curso do destino de um guerreiro é inalterável. O desafio é de até onde ele pode ir e quanto ele será impecável dentro desses limites rígidos.

As ações das pessoas não afetam mais um guerreiro quando ele não tem mais expectativas de nenhuma espécie. Uma paz estranha se torna a força que governa sua vida. Ele adotou um dos conceitos da vida do guerreiro — o desapego.

O desapego não significa automaticamente sabedoria mas é, contudo, uma vantagem, porque permite ao guerreiro parar por um momento para reavaliar situações e reconsiderar posições. Entretanto, para usar esse momento extra de modo consistente e correto, o guerreiro tem de lutar incansavelmente durante toda a sua vida.

Já me dei ao poder que rege meu destino.

E não me apego a nada, para não ter nada a defender

Não tenho pensamentos, por isso verei.

Nada temo, por isso lembrarei de mim mesmo.

Desprendido e à vontade,

Passarei como um jato pela Águia para ser livre.

É muito mais fácil para os guerreiros se saírem bem sob condições de tensão máxima do que serem impecáveis sob condições normais.

Os seres humanos têm dois lados. O lado direito abrange tudo que o intelecto pode conceber. O lado esquerdo é uma região de características indescritíveis; uma região impossível de ser contida em palavras. O lado esquerdo é talvez compreendido, se é

compreensão que tem lugar, com todo o corpo; daí sua resistência à conceituação.

Todas as faculdades, possibilidades e realizações do xamanismo, das mais simples às mais espantosas, estão no próprio corpo humano.

O poder que governa o destino de todos os seres vivos é chamado a Águia, não porque seja uma águia ou tenha alguma coisa a ver com uma águia, mas porque aparece aos olhos do vidente como uma incomensurável águia negra, em pé e ereta como as águias ficam em pé, com sua altura atingindo o infinito.

A Águia devora a consciência de todas as criaturas que, vivas na terra um momento antes e agora mortas, flutuaram até o bico da Águia como um enxame de vaga-lumes, para o encontro de seu dono, a razão pela qual tiveram vida. A Águia desmancha essas pequenas chamas, deita-as no chão, como um curtidor esticando couro, e as devora; pois a consciência é o alimento da Águia.

A Águia, esse poder que governa o destino de todas as coisas vivas, reflete igualmente e ao mesmo tempo todas essas coisas vivas. Não há, portanto, como o homem possa rezar para a Águia, pedir favores e esperar sua misericórdia. A parte humana da Águia é insignificante demais para mover o todo.

Toda coisa viva recebeu o poder, se assim o desejar, de procurar uma abertura para a liberdade e de atravessá-la. É evidente para o vidente, que vê a abertura, e para todas as criaturas, que a atravessam, que a Águia deu esse presente com o objetivo de perpetuar a consciência.

A travessia para a liberdade não significa vida eterna, como a eternidade é comumente entendida — isto é, como viver para sempre. Em vez disso, o guerreiro pode conservar sua consciência, que em geral é abandonada no momento da morte. No momento da travessia, o corpo em sua totalidade é iluminado com

conhecimento. Cada célula torna-se imediatamente consciente de si mesma e também consciente da totalidade do corpo.

O presente da Águia de liberdade não é uma concessão, mas a oportunidade de ter uma oportunidade.

Um guerreiro nunca está assediado. Estar assediado significa que se tem posses pessoais que podem ser bloqueadas. Um guerreiro não tem nada no mundo, exceto sua impecabilidade, e a impecabilidade não pode ser ameaçada.

O primeiro princípio da arte da espreita é que os guerreiros escolhem seu campo de batalha. Um guerreiro nunca vai para a batalha sem saber o que o cerca.

Descartar tudo que não é necessário é o segundo princípio da arte da espreita. Um guerreiro não complica as coisas. Seu objetivo é ser simples. Ele aplica toda a concentração que tem para decidir se entra ou não na batalha, pois qualquer batalha é uma batalha por sua vida. Este é o terceiro princípio da arte da espreita. Um guerreiro deve estar disposto e pronto para travar sua última batalha aqui e agora. Mas não de uma maneira descuidada.

Um guerreiro relaxa e se abandona; ele nada teme. Só então os poderes que guiam os seres humanos abrem o caminho para o guerreiro e o ajudam. Só então. Este é o quarto princípio da arte da espreita.

Quando diante de dificuldades com as quais não podem lidar, os guerreiros recuam por um momento. Eles deixam a mente vagar. Ocupam seu tempo com alguma outra coisa. Qualquer coisa serve. Este é o quinto princípio da arte da espreita.

Os guerreiros comprimem o tempo; este é o sexto princípio da arte da espreita. Mesmo um instante conta. Numa batalha por sua vida, um segundo é uma eternidade, uma eternidade que pode decidir o resultado final. Os guerreiros visam ao sucesso, portanto

comprimem o tempo. Os guerreiros não desperdiçam um só instante.

Para aplicar o sétimo princípio da arte da espreita, é preciso aplicar os outros seis; um espreitador nunca se lança para a frente. Ele sempre olha para frente por detrás das costas.

Aplicar esses princípios leva a três resultados. O primeiro é que os espreitadores aprendem a nunca se levar a sério; eles aprendem a rir de si mesmos. Se não temem ser um tolo, podem enganar qualquer um. O segundo é que os espreitadores aprendem a ter uma paciência sem fim. Os espreitadores nunca têm pressa; nunca se afligem. E o terceiro é que os espreitadores aprendem a ter uma capacidade infinita para improvisar.

Os guerreiros encaram o tempo que vem. Normalmente encaramos o tempo que se afasta. Só os guerreiros podem mudar isso e encarar o tempo quando ele avança sobre eles.

Os guerreiros têm apenas uma coisa em mente: sua liberdade. Morrer e ser comido pela Águia não é um desafio. Por outro lado, enganar a Águia e ser livre é a suprema audácia.

Quando os guerreiros falam sobre o tempo, eles não se referem a alguma coisa que é medida pelos movimentos do relógio. O tempo é a essência da atenção; as emanções da Águia são feitas de tempo; e, falando com propriedade, quando um guerreiro penetra em outros aspectos do eu, ele começa a se familiarizar com o tempo.

Um guerreiro não pode mais chorar, e a sua única expressão de angústia é um tremor que vem das próprias profundezas do universo. É como se uma das emanções da Águia fosse feita de pura angústia, e quando ela atinge o guerreiro, o tremor do guerreiro é infinito.

Comentário sobre O Presente da Águia

Foi uma experiência notável, para mim, examinar as citações tiradas de O Presente da Águia. Senti imediatamente o forte impulso do intento dos xamãs do México antigo trabalhando de maneira mais vivida do que nunca. Eu sabia então que, sem sombra de dúvida, as citações desse livro foram orientadas por sua roda do tempo. E eu também sabia que esse tinha sido o caso de tudo que fiz no passado, como escrever O Presente da Águia, e que esse é o caso de tudo que faço agora, como escrever o presente livro.

Desde que não sei como esclarecer esse assunto, minha única opção é aceitá-lo humildemente. Os xamãs do México antigo tinham outro sistema de conhecimento funcionando, e das unidades de tal sistema cognitivo, eles podem me afetar ainda hoje da maneira mais positiva e elevada.

Devido ao esforço de Florinda Matus, que me introduziu no aprendizado das variações mais elaboradas das técnicas xamanísticas típicas, criadas pelos xamãs dos tempos antigos, como a recapitulação, pude ver, por exemplo, as minhas experiências com Dom Juan com uma força que eu não poderia ter imaginado. O corpus de meu livro, O Presente da Águia, é o resultado dessa percepção que tive de Dom Juan Matus.

Para Dom Juan Matus, recapitular significava reviver e remanejar tudo de nossa vida numa única ação. Ele nunca se preocupou com as minúcias das elaboradas variações daquela antiga técnica. Florinda, por sua parte, tinha uma meticulosidade totalmente diferente. Ela gastava meses treinando-me em aspectos da recapitulação que até hoje sou incapaz de explicar.

— E a vastidão do guerreiro o que você está experimentando — ela explicou. — As técnicas estão aí. Grande

coisa. O que é de suprema importância é o homem que as usa e seu desejo de ir até o fim com elas.

Recapitular Dom Juan nos termos de Florinda resultava em visões de Dom Juan com os mais excruciantes detalhes e significados. Era mais intenso do que falar com o próprio Dom Juan. Foi o pragmatismo de Florinda que me deu percepções espantosas de possibilidades práticas que absolutamente não preocupavam Dom Juan. Florinda, sendo uma mulher pragmática de verdade, não tinha ilusões sobre si própria, nem sonhos de grandeza. Ela disse que era uma lavradora que não podia se dar ao luxo de perder uma única curva do caminho.

— Um guerreiro deve ir muito devagar — ela recomendava — e usar todas as coisas que estiverem disponíveis na senda do guerreiro. Uma das coisas mais notáveis é a capacidade que todos nós temos, como guerreiros, de focalizar nossa atenção com força inflexível nos eventos que vivemos. Os guerreiros podem focalizá-la até em pessoas que nunca encontraram. O resultado final dessa focalização profunda é sempre o mesmo. Ela reconstrói a cena. Pedacos inteiros de comportamento, esquecidos ou novos em folha, se tomam disponíveis para o guerreiro. Tente isso.

Segui o seu conselho e, naturalmente, focalizei Dom Juan, e lembrei-me de tudo que tinha transpirado em qualquer momento dado. Lembrei-me de detalhes que não poderia lembrar. Graças ao trabalho de Florinda, fui capaz de reconstruir pedacos enormes de atividade com Dom Juan, bem como detalhes de importância tremenda que tinham me escapado completamente.

O espírito das citações de O Presente da Águia foi mais chocante para mim porque as citações revelavam a profunda ênfase que Dom Juan colocava em itens de seu mundo, no caminho do guerreiro como o resumo da realização humana. Esse impulso sobreviveu à sua pessoa e estava mais vivo que nunca. Algumas vezes, sinceramente senti que Dom Juan não havia partido.

Cheguei a ponto de ouvi-lo andando pela casa. Perguntei a Florinda sobre isso. Ela disse:

— Oh, não é nada. E apenas o vazio do nagual Juan Matus que tenta te tocar, a despeito de onde a consciência dele possa estar no momento.

Sua resposta me deixou mais confuso, mais intrigado e mais desanimado do que nunca. Embora Florinda fosse a pessoa mais próxima do nagual Juan Matus, eles eram espantosamente diferentes. Uma coisa comum aos dois era o vazio de suas pessoas. Não eram mais gente. Dom Juan Matus não existia mais como uma pessoa. Mas o que existia em vez de sua pessoa era uma coleção de histórias, cada uma delas adequada à situação que ele estava discutindo, histórias didáticas e piadas que traziam a marca de sua sobriedade e sua frugalidade.

Florinda era o mesmo; ela tinha histórias e mais histórias. Mas as suas histórias eram sobre pessoas. Eram uma forma elevada de tagarelice, ou uma tagarelice elevada, devido à sua impessoalidade, a inconcebíveis alturas de eficiência e diversão.

— Eu quero que você examine um homem que tem grande semelhança com você — ela me disse, um dia. — Quero que você o recapitule como se o tivesse conhecido toda a sua vida. Esse homem foi transcendental na formação de nossa linhagem. Seu nome era Elias, o nagual Elias. E o chamo "o nagual que perdeu o paraíso".

"A história é a de que o nagual Elias foi criado por um padre jesuíta que o ensinou a ler e escrever, e a tocar cravo. Ensinou-lhe latim. O nagual Elias sabia ler as escrituras em latim com tanta fluência quanto qualquer erudito. Seu destino era ser padre, mas ele era um índio e os índios, naquele tempo, não se ajustavam às hierarquias clericais. Eles pareciam muito esquisitos, muito escuros, muito índios. Os padres vinham das classes superiores, descendentes de espanhóis, com pele branca, olhos

azuis; eram bonitos, apresentáveis. O nagual Elias era um urso, comparado a eles, mas lutou por muito tempo, estimulado pela promessa de seu mentor que ele seria aceito no sacerdócio.

"Ele era o sacristão da igreja em que o seu mentor era o pároco e, um dia, uma verdadeira feiticeira entrou. Seu nome era Amália. Diziam que ela era uma fera. Fosse como fosse, ela acabou seduzindo o pobre sacristão que se apaixonou tão profunda e perdidamente por Amália que acabou na cabana de um homem nagual. Com o tempo, tornou-se o nagual Elias, uma figura considerada, culta, muito lida. Parecia que o nicho do nagual fora feito para ele. Permitiam a ele o anonimato e a eficiência que lhe tinham sido negados no mundo.

"Ele era um sonhador, e tão bom que percorria os lugares mais recônditos do universo num estado sem corpo. Algumas vezes, ele até trazia objetos que tinham atraído seus olhos por causa das linhas de seu desenho, objetos que eram incompreensíveis. Ele os chamava de 'invenções'. Tinha uma coleção deles.

"Eu quero que você focalize sua atenção de recapitulação nessas invenções", ordenou-me Florinda. "Quero que você chegue até a cheirá-las, a senti-las nas mãos, ainda que nunca as tenha visto, exceto através do que estou lhe dizendo agora. Fazer essa focalização significa estabelecer um ponto de referência, como numa equação algébrica na qual alguma coisa é calculada através de um terceiro elemento. Você será capaz de ver o nagual Juan Matus com infinita clareza, usando alguém mais como um ponto de corroboração."

O corpus do livro O Presente da Águia é uma revisão em profundidade do que Dom Juan havia feito comigo enquanto ele ainda estava neste mundo. As percepções que tive de Dom Juan por causa das minhas novas habilidades de recapitulação — usando o nagual Elias como um ponto de corroboração — eram infinitamente mais intensas do que quaisquer percepções que eu

tivera dele enquanto ainda estava vivo. As visões de recapitulação em que eu estava comprometido careciam do calor da vida, mas tinham em compensação a precisão e a exatidão de objetos inanimados, que se pode examinar pelo tempo que se queira.

CITAÇÕES DE O Fogo Interior

Não há totalidade sem tristeza e saudade, pois sem elas não há sobriedade nem bondade. A sabedoria sem bondade e o conhecimento sem sobriedade são inúteis.

A auto-importância é o maior inimigo do homem. O que o enfraquece é sentir-se ofendido pelos atos e omissões de seus semelhantes. A auto-importância exige que se passe a maior parte da vida ofendido por alguma coisa ou por alguém.

Para seguir a senda do conhecimento é preciso ter muita imaginação. No caminho do conhecimento nada é tão claro quanto gostaríamos que fosse.

Se os videntes podem ficar firmes no confronto com os pequenos tiranos, eles podem, com certeza, enfrentar impunemente o desconhecido, e aí podem até suportar a presença do incognoscível.

Parece natural pensar que o guerreiro, que pode ficar firme diante do desconhecido, pode certamente enfrentar impunemente os pequenos tiranos. Mas não é necessariamente assim. O que destruiu guerreiros soberbos nos tempos antigos foi confiar nessa suposição. Nada pode temperar tanto o espírito de um guerreiro quanto o desafio de lidar com pessoas impossíveis em posições de poder. Só sob essas condições, os guerreiros podem adquirir a sobriedade e a serenidade para suportar a pressão do incognoscível.

O desconhecido é alguma coisa velada para o homem, coberta talvez por um contexto terrível mas que, não obstante, está ao alcance do homem. O desconhecido se torna conhecido em determinado tempo. O incognoscível, por outro lado, é o impensável, o imperceptível. E algo que nunca será conhecido por

nós e, ainda assim, está lá, fascinante e ao mesmo tempo aterrador em sua vastidão.

Nós percebemos. Este é um fato incontestável Mas o que percebemos não é um fato do mesmo tipo, porque aprendemos o que perceber.

Os guerreiros dizem que pensamos que há um mundo de objetos lá fora só por causa de nossa consciência. Mas o que realmente há lá fora são as emanções da Águia, fluidas, sempre em movimento e contudo inalteráveis, eternas.

O defeito mais intenso dos guerreiros imaturos é que eles desejam esquecer a maravilha do que eles vêem. Ficam dominados pelo fato de que vêem e acreditam que é o seu gênio que conta. Um guerreiro maduro deve ser um paradigma de disciplina para vencer a quase invencível frouxidão de nossa condição humana. Mais importante do que o próprio ver é o que os guerreiros fazem com o que vêem.

Uma das grandes forças na vida dos guerreiros é o medo, porque ele os instiga a aprender.

Para um vidente, a verdade é que todos os seres vivos estão lutando para morrer. O que impede a sua morte é a consciência.

O desconhecido está sempre presente, mas está fora da possibilidade de nossa consciência normal O desconhecido é a parte supérflua do homem comum. E é supérflua porque o homem comum não tem energia livre suficiente para percebê-lo.

A grande falha dos seres humanos é permanecer grudado ao inventário da razão. A razão não trata o homem como energia. A razão trata com instrumentos que criam energia, mas nunca ocorreu seriamente à razão que somos melhores do que

instrumentos: somos organismos que criam energia. Somos bolhas de energia.

Os guerreiros que deliberadamente atingem a consciência total são uma visão que deve ser presenciada. E nesse momento que queimam de dentro. O fogo interior os consome. E, em plena consciência, eles se fundem às emanções da Águia e deslizam para a eternidade.

Uma vez atingido o silêncio interior, tudo é possível. A maneira de parar de falar para nós mesmos é exatamente o mesmo método usado para nos ensinar a falar para nós mesmos; somos ensinados compulsiva e inflexivelmente, e esta é a maneira de parar: compulsiva e inflexivelmente.

A impecabilidade começa com um único ato, que tem de ser deliberado, preciso e fundamentado. Se esse ato é repetido pelo tempo suficiente, adquire-se o senso de um intento inflexível, que pode ser aplicado a qualquer outra coisa. Se isso é realizado, o caminho é claro. Uma coisa leva à outra até que o guerreiro perceba todo o seu potencial.

O mistério da consciência é a escuridão. Os seres humanos exalam o cheiro desse mistério, de coisas que são inexplicáveis. Ver a nós mesmos de qualquer outra maneira é loucura. Portanto, um guerreiro não rebaixa o mistério do homem tentando racionalizá-lo.

As percepções são de duas espécies. Uma delas é simples conversa fiada, grandes explosões emocionais e nada mais. A outra é produto de uma mudança do ponto de aglutinação, não está ligada a nenhuma explosão emocional mas à ação. As percepções emocionais vêm anos depois de os guerreiros terem solidificado, pelo uso, a nova posição de seus pontos de aglutinação.

A pior coisa que pode nos acontecer é ter que morrer e, já que este é nosso destino inalterável, somos livres; aqueles que

perderam tudo não têm mais nada a temer.

Os guerreiros não se aventuram no desconhecido por cobiça. A cobiça funciona apenas no mundo dos negócios comuns. Para se aventurar na aterrorizante solidão do desconhecido, é preciso ter algo maior do que cobiça: amor. É preciso amor à vida, ao que intriga, ao mistério. E preciso uma curiosidade insaciável e nervos de aço.

Um guerreiro pensa apenas nos mistérios da consciência; o mistério é só o que importa. Somos seres vivos; temos de morrer e abrir mão de nossa consciência. Mas se pudéssemos mudar isso um pouco, que mistérios devem estar esperando por nós? Que mistérios!

Comentário sobre O Fogo Interior

O livro O Fogo Interior foi outro resultado final da influência de Florinda Matus na minha vida, Ela me orientou a focalizar, desta vez, o mestre de Dom Juan, o nagual Julián. Florinda e minha detalhada focalização no homem me revelaram que o nagual Julián Osório tinha sido um ator de algum mérito — mas, mais do que um ator, ele tinha sido um homem licencioso, preocupado unicamente em seduzir mulheres, mulheres de qualquer tipo com quem viesse a ter contato durante suas apresentações teatrais. Era tão licencioso que, finalmente, sua saúde entrou em colapso e ele foi infectado pela tuberculose.

O mestre dele, o nagual Elias, o encontrou uma tarde em campo aberto, nos arredores da cidade de Durango, seduzindo a filha de um rico proprietário de terras. Devido ao esforço, o ator começou a ter uma hemorragia, e a hemorragia tornou-se tão séria que ele estava à beira da morte. Florinda disse que o nagual Elias viu que não havia maneira de ajudá-lo. Era impossível curar o ator, e a única coisa que ele podia fazer, como um nagual, era estancar o sangue, o que ele fez. Então considerou adequado fazer uma proposta ao ator.

— Estou partindo para as montanhas às cinco da manhã — ele disse. — Esteja na entrada da cidade. Não falte. Se você faltar, morrerá mais cedo do que imagina. Sua única solução é ir comigo. Não poderei curar você, mas poderei desviar sua caminhada inexorável para cair no abismo, que indica o fim da vida. Todos nós, seres humanos, vamos inexoravelmente cair naquele abismo, mais cedo ou mais tarde. Guiarei você para caminhar ao longo da enorme extensão daquela fenda, ou à sua direita, ou à sua esquerda. Enquanto você não cair, viverá. Nunca ficará bom, mas viverá.

O nagual Elias não tinha grandes esperanças no ator, que era preguiçoso, desleixado, auto-indulgente, talvez até mesmo um covarde. Ficou bastante surpreso quando no dia seguinte, às cinco da manhã, encontrou o ator esperando por ele no limite da cidade. Ele o levou para as montanhas e, com o tempo, o ator se tornou o nagual Julián — um tuberculoso que nunca ficou curado, mas que viveu até talvez cento e sete anos, sempre caminhando ao longo da beira do abismo.

— Naturalmente, é de suprema importância para você — disse-me Florinda, uma vez — que examine a caminhada do nagual Julián ao longo da beira do abismo. O nagual Juan Matus não sabia nada sobre isso. Para ele, tudo isso era supérfluo. Mas você não é tão talentoso quanto o nagual Juan Matus. Nada pode ser supérfluo para você, como um guerreiro. Você deve permitir que os pensamentos, os sentimentos, as idéias dos xamãs do México antigo venham a você livremente.

Florinda estava certa. Eu não tenho o esplendor do nagual Juan Matus. Como ela disse, nada poderia ser supérfluo para mim. Eu precisava de todo o apoio, de todos os recursos. Não podia me dar ao luxo de dispensar qualquer uma das percepções ou idéias dos xamãs do México antigo, por mais disparatadas que pudessem parecer para mim.

Examinar a caminhada do nagual Julián à beira do abismo significava que a capacidade de focalizar minhas lembranças podia ser estendida aos sentimentos que o nagual Julián tinha a respeito de sua extraordinária luta para continuar vivo. Fiquei chocado até a medula de meus ossos ao descobrir que a luta daquele homem era uma luta travada de segundo a segundo contra seus terríveis hábitos de indulgência e sua extraordinária sensualidade, confrontados com sua decisão inflexível de sobreviver. Sua luta não era esporádica; era uma luta disciplinada e continuamente sustentada para permanecer equilibrado. Caminhar à beira do abismo significava que a batalha de um guerreiro era acentuada a

tal grau que cada segundo contava. Um único momento de fraqueza teria lançado o nagueal Julián naquele abismo. Entretanto, se ele conservasse sua visão, sua ênfase, sua preocupação focalizadas no que Florinda chamou de a beira do abismo, a pressão cedia. O que fosse que ele via não era tão desesperador quanto o que ele via quando seus velhos hábitos começavam a tomar conta dele. Parecia, quando olhava o nagueal Julián nesses momentos, que eu estava recapitulando um homem diferente: um homem mais pacífico, mais desapegado, mais senhor de si.

CITAÇÕES DE O Poder do Silêncio

Não é que, à medida que o tempo passa, o guerreiro aprenda xamanismo; antes, o que ele aprende enquanto o tempo passa é economizar energia. Esta energia vai capacitá-lo a manipular alguns campos de energia que são normalmente inacessíveis a ele. Xamanismo é um estado de consciência, a capacidade de usar campos de energia que não são empregados para perceber o mundo cotidiano que conhecemos.

Há no universo uma força incomensurável e indescritível que os xamãs chamam intento, e absolutamente tudo o que existe em todo o cosmo é ligado ao intento por uma conexão. Os xamãs estão interessados em discutir, compreender e usar essa conexão. Estão especialmente interessadas em limpá-la dos efeitos paralisantes que resultam das preocupações comuns com a vida cotidiana. O xamanismo, neste nível, pode ser definido como um procedimento de limpeza da conexão com o intento.

Os xamãs estão vitalmente interessados em seu passado, mas não com seu passado pessoal. Para os xamãs, seu passado é o que outros xamãs, em dias passados, conseguiram realizar. Eles consultam seu passado para obter um ponto de referência. Só os xamãs procuram de verdade um ponto de referência em seu passado. Para eles, estabelecer um ponto de referência significa uma oportunidade para examinar o intento.

O homem comum também examina o passado. Mas ele examina o seu passado pessoal, por motivos pessoais. Ele se avalia em relação ao passado, seja o seu passado pessoal ou o conhecimento passado de seu tempo, com o objetivo de encontrar justificativas para seu comportamento presente ou futuro, ou de estabelecer um modelo para si mesmo.

O espírito manifesta-se ao guerreiro a cada momento. Entretanto, essa não é a verdade total. A verdade total é que o espírito revela-se para todos com a mesma intensidade e consistência, mas só os guerreiros estão sintonizados, de maneira consistente, com tais revelações.

Os guerreiros falam do xamanismo como um pássaro mágico, misterioso, que interrompeu seu vôo por um momento para dar esperança e propósito ao homem; os guerreiros vivem sob a asa desse pássaro, que eles chamam o pássaro da sabedoria, o pássaro da liberdade.

Para um guerreiro, o espírito é abstrato só porque ele o conhece sem palavras ou mesmo pensamentos. É abstrato porque ele não pode conceber o que o espírito é. Contudo, mesmo sem a menor possibilidade ou desejo de entendê-lo, o guerreiro o maneja. Reconhece-o, acena para ele, cativa-o, familiariza-se com ele e o expressa em seus atos.

A conexão do homem comum com o intento está praticamente morta, e os guerreiros começam com uma conexão que é inútil, porque não responde voluntariamente. Com o objetivo de revitalizar essa conexão, os guerreiros precisam de um propósito rigoroso e feroz — um estado especial da mente chamado intento inflexível

O poder do homem é incalculável; a morte existe somente porque a intentamos desde o momento de nosso nascimento. O intento da morte pode ser cancelado fazendo-se o ponto de aglutinação mudar de posição.

A arte da espreita consiste em aprender todas as astúcias de seu disfarce, e aprendê-las tão bem que ninguém saberá que você está disfarçado, Para isso, você precisa ser implacável, astuto, paciente e dócil Ser implacável não significa ser grosseiro; ser astuto não significa ser cruel; ser paciente não significa ser negligente; e ser dócil não significa ser tolo.

Os guerreiros têm um propósito ulterior para seus atos, que não tem nada a ver com o ganho pessoal. O homem comum age apenas se há a oportunidade para o lucro. Os guerreiros não agem pelo lucro, mas pelo espírito.

Os xamãs videntes dos tempos antigos, através do seu ver, notaram logo que qualquer comportamento incomum produzia um tremor no ponto de aglutinação. Em seguida, descobriram que se o comportamento incomum é praticado de maneira sistemática e dirigido com sabedoria, ele finalmente força o ponto de aglutinação a se mover.

O conhecimento silencioso nada mais é do que o contato direto com o intento.

O xamanismo é uma viagem de volta. O guerreiro retoma vitorioso ao espírito, depois de ter descido ao inferno. E do inferno, ele traz troféus. O entendimento é um desses troféus.

Como são espreitadores, os guerreiros entendem perfeitamente o comportamento humano. Entendem, por exemplo, que os seres humanos são criaturas de inventário. Conhecer as entradas e saídas de um inventário determinado é o que torna um homem um erudito ou um perito em seu campo.

Os guerreiros sabem que, quando o inventário de um homem comum falha, ou a pessoa amplia seu inventário ou seu mundo da auto-reflexão entra em colapso. A pessoa comum é capaz de incorporar novos itens ao seu inventário desde que os novos itens não contradigam a ordem subjacente do inventário. Mas se os novos itens contradizem essa ordem, a mente da pessoa entra em colapso. Os guerreiros contam com isso quando tentam quebrar o espelho da auto-reflexão.

Os guerreiros nunca poderão construir uma ponte para se juntar às pessoas do mundo. Mas se as pessoas desejarem isso, terão de fazer uma ponte para se juntar aos guerreiros.

Para que os mistérios do xamanismo se tornem disponíveis para alguém, o espírito deve descer sobre aquele que estiver interessado. O espírito permite que sua presença, por si mesma, mova o ponto de aglutinação do homem para uma posição específica. Este ponto determinado é conhecido pelos xamãs como o lugar da não-piedade.

Na realidade não há um procedimento envolvido no fazer o ponto de aglutinação se mover para o lugar da não-piedade. O espírito toca a pessoa e seu ponto de aglutinação se move. É simples assim.

O que precisamos fazer é permitir que a magia tome conta de nós para banir as dúvidas de nossas mentes. Quando as dúvidas são banidas, tudo é possível.

As possibilidades do homem são tão vastas e misteriosas que os guerreiros, em vez de pensar sobre elas, escolheram explorá-las, sem esperança de jamais chegar a entendê-las.

Tudo que os guerreiros fazem é feito como consequência de um movimento de seus pontos de aglutinação, e tais movimentos são determinados pela quantidade de energia que os guerreiros têm sob suas ordens.

Qualquer movimento do ponto de aglutinação significa um afastamento da preocupação excessiva com o eu individual. Os xamãs acreditam que é a posição do ponto de aglutinação que torna o homem moderno um egotista homicida, um ser totalmente envolvido com sua auto-imagem. Tendo perdido a esperança de voltar à fonte de tudo, o homem comum procura consolo em seu egoísmo.

O impulso do caminho do guerreiro é para derrubar a auto-importância. E tudo o que os guerreiros fazem é no sentido de alcançar essa meta.

Os xamãs arrancaram a máscara da auto-importância e descobriram que ela é a autopiedade disfarçada em outra coisa.

No mundo da vida cotidiana, palavras e decisões podem ser revertidas facilmente. A única coisa irrevogável no mundo cotidiano é a morte. No mundo dos xamãs, por outro lado, a morte normal pode sofrer uma contra-ordem, mas não a palavra do xamã. No mundo dos xamãs, as decisões não podem ser mudadas ou revisadas. Depois de tomadas, permanecem para sempre.

Uma das coisas mais dramáticas da condição humana é a conexão macabra entre a estupidez e a auto-reflexão. É a estupidez que força o homem comum a descartar qualquer coisa que não se ajuste com as expectativas de seu auto-reflexo. Por exemplo, como homens comuns, estamos cegos para o ponto mais crucial do conhecimento disponível para o ser humano: a existência do ponto de aglutinação e o fato de que ele pode se mover.

Para o homem racional, manter a fixação de sua auto-imagem assegura sua ignorância abissal. Ele ignora o fato de que o xamanismo não significa encantamentos e embromação, mas a liberdade para perceber, não só o mundo tomado sem discussão, mas tudo o mais que é humanamente possível realizar. Ele treme diante da possibilidade da liberdade. E a liberdade está ao alcance de suas mãos.

O dilema do homem é que ele intui suas fontes ocultas, mas não ousa utilizá-las. É por isso que os guerreiros dizem que o tormento do homem é o contraponto entre sua estupidez e sua ignorância. O homem precisa agora, mais do que nunca, aprender novas idéias que digam respeito exclusivamente ao seu mundo interno — as idéias dos xamãs, não idéias sociais, idéias pertinentes ao homem em face do desconhecido, em face de sua morte pessoal. Agora, mais do que qualquer outra coisa, ele precisa aprender os segredos do ponto de aglutinação.

O espírito só escuta quando quem fala o faz por gestos. E gestos não querem dizer sinais ou movimentos do corpo, mas atos de verdadeiro abandono, atos de liberação, de humor. Com um gesto para o espírito, os guerreiros expõem o melhor de si mesmos e silenciosamente o oferecem ao abstrato.

Comentário sobre O Poder do Silêncio

O último livro que escrevi sobre Dom Juan como resultado direto da orientação de Florinda Matus intitula-se O Poder do Silêncio, um título escolhido por meu editor; meu título era Silêncio Interior. Na época em que eu trabalhava no livro, os pontos de vista dos xamãs do México antigo tinham se tornado extremamente abstratos para mim. Florinda fez o que pôde para me desviar de minha absorção no abstrato. Ela tentava redirecionar minha atenção para aspectos diferentes das velhas técnicas xamanísticas, ou tentava me divertir chocando-me com seu comportamento escandaloso. Mas nada era suficiente para me desviar da minha tendência aparentemente inexorável.

O Poder do Silêncio é uma revisão intelectual dos pensamentos dos xamãs do México antigo, na sua apresentação mais abstrata. Enquanto trabalhava sozinho no livro, fui contaminado pelo estado de espírito daqueles homens, pelo seu desejo de saber mais de uma maneira quase racional. Florinda explicou-me que, no fim, aqueles xamãs se tornaram extremamente frios e distanciados. Não existia mais nenhum calor para eles. Estavam presos à sua busca; sua frieza como homens era um esforço para se igualar à frieza do infinito. Eles tinham sido bem-sucedidos em mudar seus olhos humanos para se igualar aos olhos frios do desconhecido.

Senti isso em mim mesmo e tentei desesperadamente mudar a maré. Ainda não consegui. Meus pensamentos se tornaram cada vez mais parecidos com os pensamentos daqueles homens ao final de sua procura. Não é que eu não rio. Pelo contrário, minha vida é uma alegria sem fim. Mas, ao mesmo tempo, é uma busca sem fim e sem piedade. O infinito vai me engolir e quero estar preparado para isso. Não quero que o infinito me dissolva no nada porque tenho desejos humanos, afeição calorosa, apegos, não importa se vagos. Mais do que qualquer outra coisa no mundo,

quero ser como aqueles homens. Nunca os conheci. Os únicos xamãs que conheci foram Dom Juan e os do seu grupo, e o que eles expressavam era a coisa mais distante possível da frieza que eu intuía naqueles homens desconhecidos.

Devido à influência que Florinda teve na minha vida, consegui de modo brilhante aprender a focalizar minha atenção plena no estado de espírito de pessoas que nunca conheci. Focalizei minha recapitulação no estado de espírito daqueles xamãs e fiquei preso por ele, sem esperança de jamais poder me desvencilhar de sua atração. Florinda não acreditava que meu estado fosse definitivo. Ela brincava e ria dele abertamente.

— Seu estado de espírito apenas parece ser definitivo — ela disse para mim —, mas não é. Virá o momento em que você mudará seu ânimo. Talvez você até tenha carinho por cada pensamento sobre os xamãs do México antigo. Talvez você possa até ter carinho pelos pensamentos e opiniões dos próprios xamãs com quem você trabalhou tão de perto, como o nagueal Juan Matus. Você poderia recusar o seu ser. Você vai ver. O guerreiro não tem limites. Seu senso de improvisação é tão agudo que ele construirá a partir do nada, mas não apenas meras construções abstratas; pelo contrário, alguma coisa funcional, pragmática. Você vai ver. Não apenas vai esquecê-los como, em determinado momento, antes de saltar no abismo, se você tiver a audácia de caminhar ao longo de sua borda, se você tiver a audácia de não se desviar, chegará então a conclusões dos guerreiros de uma ordem e uma estabilidade infinitamente mais adequadas a você do que a fixação dos xamãs do México antigo.

As palavras de Florinda foram como uma profecia generosa e cheia de esperanças. Talvez ela estivesse certa. Naturalmente, estava certa ao afirmar que os recursos do guerreiro não têm limites. A única falha é que, para ter uma visão ordenada do mundo e de mim mesmo, uma visão mais adequada ao meu temperamento, eu tenha de caminhar pela beira do abismo, e

tenho dúvidas quanto a possuir a audácia e a força para realizar essa proeza.

Mas quem pode dizer?